



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ECONOMIA ECOLÓGICA

ARTHUR COSTA BATISTA

GREENWASHING: O PARADOXO AMBIENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS

FORTALEZA

2024

ARTHUR COSTA BATISTA

**GREENWASHING: O PARADOXO AMBIENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Economia Ecológica do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia Ecológica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Américo Leite
Moreira

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B336g Batista, Arthur Costa.
Greenwashing : O Paradoxo Ambiental e suas Implicações Socioeconômicas / Arthur Costa Batista. – 2024.
53 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Economia Ecológica, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira.

1. Greenwashing. 2. Preservação Ambiental. 3. Crescimento Econômico. 4. Sustentabilidade. I. Título.
CDD 577

ARTHUR COSTA BATISTA

**GREENWASHING: O PARADOXO AMBIENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Economia Ecológica do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia Ecológica.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Suely Salgueiro Chacon
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Maria Inês Escobar da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

O presente estudo visa discorrer sobre o *Greenwashing*, prática que é caracterizada por um paradoxo, já que incita a preservação ambiental, mas não a realiza ou se comprova. O objetivo geral é demonstrar como a economia capitalista conseguiu transformar o termo “sustentabilidade” em mercadoria por meio do *Greenwashing* e discorrer sobre os impactos gerados e perpetuados por meio deste, levando-se em conta meios para combatê-lo. Os objetivos específicos compõem mostrar que a prática está sendo usada como marketing, estabelecer uma linha temporal demonstrando a evolução da exploração ambiental e como contribui para a existência do *Greenwashing*, juntamente com a importância do modelo ESG (Environmental, Social and Governance), dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e da Economia Circular nesse contexto, que é abarcado por uma análise holística com base na interdependência existente entre economia, sociedade e natureza. Foi feita uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, com dados retirados de periódicos, obras literárias e outras fontes que contribuem com o contexto histórico e o diálogo interdisciplinar desenvolvido. Conclui-se que os impactos ambientais acabaram aumentando com o passar dos tempos e a economia capitalista precisou transformar o termo “sustentabilidade” em algo a ser vendido para se adaptar ao novo tipo de mercado que surgia, os ODS, ESG e a Economia Circular são uma forma de contornar e mitigar os impactos do *Greenwashing*, trazendo benefícios gerais e contribuindo com a garantia de melhores condições de vida para as futuras gerações.

Palavras-chave: *Greenwashing*; Preservação Ambiental; Crescimento Econômico; Sustentabilidade.

ABSTRACT

This study aims to discuss Greenwashing, a practice that is characterized by a paradox, since it incites environmental preservation, but does not carry it out or prove it. The general objective is to demonstrate how the capitalist economy has managed to transform the term “Sustainability” into a commodity through Greenwashing and to discuss the impacts generated and perpetuated through this practice, taking into account ways to combat it. The specific objectives include showing that the practice is being used as marketing, establishing a timeline demonstrating the evolution of environmental exploitation and how it contributes to the existence of Greenwashing, along with the importance of the ESG model (Environmental, Social and Governance), the Sustainable Development Goals and the Circular Economy in this context, which is encompassed by a holistic analysis based on the existent interdependence between economy, society and nature. An exploratory and descriptive study with a qualitative approach was carried out through a narrative bibliographic review, with data taken from periodicals, literary works and other sources that contribute to the historical context and the interdisciplinary dialog developed. The conclusion is that environmental impacts have increased over time and the capitalist economy has had to transform the term “sustainability” into something to be sold in order to adapt to the new type of market that has emerged. The SDGs, ESG and Circular Economy are a way of circumventing and mitigating the impacts of Greenwashing, bringing general benefits and helping to guarantee better living conditions for future generations.

Keywords: Greenwashing; Environmental Preservation; Economic Growth; Sustainability

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	35
Figura 2 – Oferta Mundial de Energia.....	38
Figura 3 – Modelo de Economia Circular.....	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Práticas comuns no <i>Greenwashing</i>	23
Quadro 2 – Métricas de análise ESG.....	25

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	A construção de um paradoxo	13
2.2	<i>Greenwashing</i> e marketing verde	21
2.3	Modelo ESG.....	23
2.4	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Agenda 2030	26
2.5	O que é uma Economia Circular?	28
2.6	Justiça ambiental.....	30
3.	METODOLOGIA.....	31
3.1	Tipo de Pesquisa	31
3.2	Etapas da Pesquisa	32
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
4.1	ESG e ODS no combate ao <i>greenwashing</i> e seus impactos	33
4.2	Economia Circular e as contribuições para a mudança de um paradigma econômico.....	41
5.	CONCLUSÃO.....	45
	REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discorrer sobre o “*Greenwashing*: O paradoxo Ambiental e suas implicações socioeconômicas”, visando demonstrar que o termo vem sendo construído ao longo do tempo e adaptado ao mundo moderno, sendo usado principalmente para atrair consumidores de nichos diferentes com base em propaganda enganosa com apelo a uma falsa sustentabilidade, que gera prejuízos além da esfera ambiental.

Portanto, o objetivo geral do trabalho é discutir sobre como a Economia capitalista em si acabou transformando o termo “sustentabilidade” em mercadoria por meio do *Greenwashing* e discorrer sobre os impactos gerados e perpetuados por meio deste, levando em conta meios para combatê-lo.

Os objetivos específicos envolvem: Explicar como a prática está sendo usada como marketing; Estabelecer uma linha do tempo que perpassa por alguns períodos econômicos, demonstrando a evolução da exploração ambiental e como isso contribui para a existência do *Greenwashing*; Analisar estratégias recentes, como o Modelo ESG, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a Economia Circular com base nesse contexto; Perquirir as implicações da prática nos âmbitos sociais, econômicos e ambientais.

O termo *Greenwashing* pode ser definido como um processo de falsificação verde ou lavagem verde, traduzindo-se diretamente, em que são repassadas informações ambientais falsas ou que não podem ser constatadas, utilizando-se erroneamente do marketing verde para se promover.

O *Greenwashing* pode ser praticado por governos, organizações não governamentais, empresas e corporações, de iniciativas públicas ou privadas ou, ainda, por pessoas que visam obter vantagens a partir de práticas ambientais que não correspondam com a realidade (Souza, 2017, p. 150).

O tema acaba atendendo os desejos específicos e até certa medida, imutáveis, da economia capitalista, que se pinta de verde e tenta se esconder atrás de seus próprios erros, mantendo-se o mesmo método de exploração, porém de forma mais velada e que atinja pela falsa promessa outros tipos de consumidores.

Alguns exemplos conhecidos são os casos realizados pela empresa Volkswagen (*Dieselgate*) com fabricação de um motor a diesel que em tese poluiria menos, porém apenas escondia suas emissões via software em vistorias, sendo que essas emissões eram acima do

permitido por lei e o caso da Apple que retirou os carregadores da embalagem de seus smartphones com a justificativa de que estaria sendo mais sustentável, porém com os mesmos sendo vendidos a parte, o que acaba gerando novas compras, novos meios de transporte, mais embalagens e conseqüentemente mais impactos ao meio ambiente em detrimento do aumento e até certo ponto, fomento do consumo, tudo isso enquanto se omite os impactos posteriores.

A falsificação verde acaba sendo bastante praticada e interferindo em âmbitos diferentes como foi supracitado, sendo necessária uma análise holística, tendo em vista a interdependência entre os três e que têm como marco zero a exploração natural cada vez mais desenfreada com finalidades econômicas e que também causam reverberações em camadas distintas da sociedade, esta que é composta por realidades diferentes, algumas com características mais consumistas e outras que acabam, mesmo que indiretamente, sendo afetadas pelos impactos ambientais existentes decorrentes desse consumo e exploração em excesso.

A partir disso tem-se também o conceito de justiça ambiental:

Por 'Justiça Ambiental' entenda-se o conjunto de princípios que asseguram que nenhum grupo de pessoas, sejam grupos étnicos, raciais ou de classe, suporte uma parcela desproporcional das conseqüências ambientais negativas de operações econômicas, de políticas e programas federais, estaduais e locais, bem como resultantes da ausência ou omissão de tais políticas (Herculano, 2006, p. 2).

O conceito acaba por envolver pautas como o Racismo Ambiental e Racismo Climático existentes, seja utilizando locais com comunidades racialmente minoritárias como depósito de rejeitos ou o fato de sentir mais fortemente os efeitos das mudanças climáticas justamente por vulnerabilidades socioeconômicas etc., respectivamente.

Baseado nisso, torna-se importante a aplicação de algo que tenha a função de manutenção e fomento de uma visão mais holística e que envolva os setores supracitados. Tal estratégia é composta por várias camadas de ação e segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global para que se tenha a proteção do meio ambiente e clima, assim como fim da pobreza, garantindo que todos possam desfrutar de paz e prosperidade. A importância dos ODS reside também na maior capacidade de combater o *Greenwashing*, mesmo que não diretamente, pois é intrínseco também a transparência e o incentivo a novas práticas de consumo, produção e a sustentabilidade social.

Seguindo o mesmo campo de ação, o modelo ESG contribui também com o diálogo interdependente, associando-se meio ambiente, sociedade e também economia em certa medida, tendo em vista as implicações no desempenho econômico. Aliando-se aos ODS tem-se ainda mais formas de combater o problema.

O conceito de ESG (em português, Ambiental, Social e Governança) é um conjunto bastante amplo de questões, desde a pegada de carbono até as práticas trabalhistas e de corrupção, que justificam a criação de critérios e práticas que direcionam o papel e a responsabilidade dos negócios em direção aos fatores ambientais, sociais e de governança corporativa (Irigaray e Stocker, 2022, p. 1).

Todavia, além das duas estratégias supracitadas, tem-se devida importância situada na Economia Circular, sendo essa bastante importante também para a perpetuação de uma visão mais sustentável e que pode contribuir com a mudança do modo que se enxerga o fluxo econômico e suas particularidades.

O conceito se caracteriza, mais do que se define, como uma economia que é restaurativa e regenerativa por princípio e tem como objetivo manter produtos, componentes e materiais em seu mais alto nível de utilidade e valor o tempo todo, fazendo distinção entre ciclos técnicos e biológicos (EMF, 2015, p. 5).

Portanto, o uso conjunto dessas estratégias pode fazer com que se aplique de fato a verdadeira sustentabilidade, isto é, a que envolva o equilíbrio sadio entre meio ambiente, sociedade e economia que hoje não é possível em sua totalidade por conta do *Greenwashing*, prática criminosa e que tem como único anseio o capital.

A relevância da pesquisa consiste, logo, em demonstrar como a lavagem verde citada anteriormente tem sua relação com o consumismo e a crescente busca pelo próprio capital, além do efeito cascata que se faz a partir disso, assim como a importância de recentes estratégias (Modelo ESG, ODS e Economia Circular) e suas contribuições para o enfraquecimento desse paradoxo ambiental, tendo em vista o grau de degradação contemporâneo e a necessidade de medidas que ao menos diminuam os impactos sofridos no meio ambiente e conseqüentemente afora por atuações antropogênicas.

A estrutura do presente trabalho está organizada em 5 seções, a primeira seção é a introdução que descreve o que é o *Greenwashing* e algumas implicações, assim como outros pontos que serão abordados e como eles dialogam com a visão integrativa proposta, além de destacar o objetivo geral, objetivos específicos e a justificativa para realização. Os tópicos seguintes estendem-se desde o referencial teórico apresentando as contribuições de outros autores em relação ao tema do presente trabalho, compondo a construção desse paradoxo ambiental e as estratégias de combate, seguido da descrição a respeito da metodologia que foi utilizada nesta pesquisa, após isso são apresentados os resultados e discussões a respeito das relações benéficas geradas a partir dos modelos ESG e as ODS, assim como suas dificuldades e demonstrar os benefícios da Economia Circular em relação a concepção do *Greenwashing* e

suas contribuições para a mudança do paradigma econômico vigente, apresentando em sequência a conclusão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo dispõe da base bibliográfica referente aos principais assuntos que serão abordados no trabalho, descrevendo os conceitos, sinalizando o contexto existente por trás dos termos e correlacionando com outros autores que contribuem com os resultados e discussões que serão apresentados.

2.1 A construção de um paradoxo

Tomando-se como ponto de partida a Primeira Revolução Industrial (1750 – 1830), a mesma inicia-se na Inglaterra e após isso expande para outros países europeus, dando início a processos que contribuem com a degradação natural que acabou avançando ainda mais com o passar do tempo, principalmente após a utilização de combustíveis fósseis, conforme Porto-Gonçalves (2006, p. 26) “[...] A acumulação de capital característica do processo de globalização entrará numa nova fase com uma nova revolução no uso do fogo: A descoberta da máquina a vapor.”.

Nesse período houve um aumento de produtividade e também em relação a renda das pessoas, a Inglaterra acaba se tornando detentora de uma parcela expressiva da produção industrial no mundo e com o uso da máquina a vapor assim como a criação de ferrovias que marcam essa parte da história possibilitou-se que essa exploração não ocorresse somente em um único local, mas em vários e a diferentes distâncias, não sendo necessário também construir uma indústria próxima da fonte de matéria prima para seu funcionamento, contribuindo não só para tornar a extração de recursos ainda mais globalizada como também seus impactos posteriores.

Avançando-se para o próximo período histórico, este já situado em meados do século XIX, tem-se a Segunda Revolução Industrial (1850 – 1945), com os Estados Unidos sendo uma das referências, ou seja, diferentemente da Primeira Revolução Industrial, esta acabou não se limitando apenas ao continente Europeu. Tal fase foi marcada por uma grande capacidade produtiva e por inovações além das que já tinham sido implementadas durante a Primeira Revolução Industrial, nessa época já surge o maquinário que seria responsável por uma

automatização do trabalho, bastante marcante e que acompanha algumas “fases” que se desenvolveram durante esse estágio industrial, assim como técnicas que foram aprimoradas.

Importante ressaltar que ainda nesse período tem-se o surgimento do Imperialismo, dando início a diversas modificações sociais, econômicas e principalmente culturais, todos esses fatores ocorrendo também por conta da necessidade que se tinha de expandir a produção industrial, o que acabou levando a uma busca incessante por matéria prima. Concomitante a isso, segundo Hobsbawm (1988, p. 46), “[...] não há como negar que a pressão do capital à procura de investimentos mais lucrativos, bem como a da produção à procura de mercados, contribuíram para as políticas expansionistas — inclusive a conquista colonial.”

Um exemplo seria o que ocorreu no continente Africano após a conferência de Berlim em 1885, onde teve o território repartido pelos imperialistas simplesmente por que queriam explorar a região massivamente baseando-se em justificativas falsas para tentar validar também a grande opressão que foi feita. Nesse processo foram criadas “fronteiras artificiais”, levando com que tribos rivais vivessem em um mesmo território, acarretando conflitos que ainda perduram e que ocorrem também por conta da disputa por territórios, gerando instabilidade política.

Além desses fatores, a exploração intensa que ocorreu no continente fez com que até hoje muitas partes do mesmo sofram com economias instáveis, marcado pela extrema pobreza, gerando prejuízos também na cultura singular desse local, modificando não somente a sua língua, mas também em relação a cultura por conta da imposição feita em relação as práticas culturais dos imperialistas. Nota-se desde já que não se considera a questão humanitária, o propósito dessa barbárie colonial sempre foi buscar um benefício econômico.

Retomando-se a Segunda Revolução Industrial e as inovações que ocorreram nesse período, tem-se a criação do motor a combustão, acompanhando o uso do petróleo, que seria utilizado também para a fabricação de outros produtos. Denota-se, portanto, que desde a Primeira Revolução Industrial utilizam-se os combustíveis fósseis, antes o carvão e após isso o petróleo, revelando o caráter fossilista que acompanha toda a evolução capitalista e que foi primordial para seu avanço.

No período as indústrias de base, como a metalúrgica, tiveram muita importância, assim como surgiram novas indústrias, como a automobilística, que acabou por ser bastante influenciada por um método denominado de Taylorismo, que irá compor, mesmo que não em sua totalidade, novos métodos industriais posteriormente.

O Taylorismo foi um método criado por Frederick Taylor baseando-se em princípios científicos, fomenta uma espécie de padronização no processo produtivo, uma otimização, um

modo de organiza-lo, um dos pilares desse método produtivo baseava-se justamente na especialização do trabalhador de acordo com suas habilidades, pois assim toda a produção iria ocorrer de forma mais rápida e com menos esforço físico.

Ademais, tem-se um grau de importância também situada na gerência e sua eficácia, tendo a responsabilidade de controlar o trabalho feito pelos operários, evitando desperdício e ociosidade, monitorando-os, possuindo como finalidade a maior geração de lucros. Esse método, além de outros meios, prega o oferecimento de recompensas salariais dependendo da produtividade, de forma a gerar nesse trabalhador motivação suficiente para que se trabalhe ainda mais e se gere ainda mais lucro a essa indústria.

Outrossim, as relações entre gerência e trabalhadores tinham seus motivos para existirem do mesmo modo proposto por Taylor, além da importância dessa gerência no desenvolvimento de sistemas de produção adequados, não era aceitável que os operários dessem sugestões ou “opiniões” a respeito do que seria feito, ou seja, que participassem de algum modo na administração, servindo apenas como força de trabalho.

Tomar a execução e a concepção esferas separadas do trabalho e, para isso, reservar à gerência e obstar aos trabalhadores o estudo dos processos de trabalhos, tomando-os meros operadores de tarefas simplificadas, sem a compreensão dos raciocínios técnicos, é uma forma não só de assegurar o controle do processo de trabalho pela gerência como, também, de baratear a força de trabalho (Ribeiro, 2015, p. 67).

Entretanto, marcando novamente algo que não sofreu grandes modificações com o passar dos anos, não se considera durante todos esses processos algumas questões importantes, principalmente as relativas a saúde mental e física ou as condições de trabalho ao qual eram submetidos os trabalhadores.

Os operários são vistos como um experimento científico em prol de uma maior acumulação de capital, ou seja, “a denominação Ciência também pode ser utilizada como um escudo protetor para legitimar o poder e controle do capital” (Farias, 2004, p. 24 apud Apolinário, 2016, p. 38). Denota-se, portanto, o lucro acima do bem estar humano e como essas questões sempre existiram.

Após o Taylorismo supracitado, surge o modelo influenciado pelo mesmo, denominado de Fordismo, sendo criado por Henry Ford, já é uma nova “fase” da Segunda Revolução Industrial, marcado por uma produção em massa e em série, ou seja, fabrica-se bastante do mesmo produto, foi um modelo bastante crucial para o desenvolvimento de uma sociedade de consumo em larga escala.

Todavia a partir disso, e não exclusivo a esse período, tem-se ainda um aumento em relação aos impactos que isso causaria na natureza, tendo em vista também o aumento da extração de recursos naturais para que se sustentasse esse modelo de produção, para Porto-Gonçalves (2006, p. 33) “Em nenhum momento a natureza foi considerada nos seus limites, tanto do suprimento de matérias-primas, como de absorção de rejeitos.”

A produção Fordista era feita através de uma linha de montagem, por esteiras, o que por consequência fazia com que os trabalhadores se tornassem especializados em determinado tempo em uma tarefa específica, o que abre precedentes para a alienação do trabalho que é herdada do Taylorismo.

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. [...] O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quanto maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador (Marx, 2004, p. 81).

Além disso, o modelo em questão acabava estimulando a compra do que se produzia, inclusive muitos funcionários adquiriam o que se produzia na fábrica, como o próprio Ford T, automóvel bastante produzido nesse período, além de que se defendia o aumento de salários que seria usado para fomentar o maior consumo, fazendo com que a associação disso a produção em larga escala barateasse o preço do automóvel supradito, tornando-o mais atrativo.

Importante ressaltar que esse fomento ao consumo exacerbado cria de fato um hábito, que perdura até hoje e estabelece padrões, influenciando na questão do desejo em possuir determinados bens, que na época era causado até mesmo pelo crescimento econômico que estava sendo vivenciado, extremamente necessário para construir a sociedade de consumo que foi mencionada.

O declínio do modelo Fordista, além de questões relativas ao trabalho, que demonstravam as insatisfações em relação as suas condições, revelando que muitos trabalhadores eram explorados, teve como causa também a crise de superprodução, que atingiu principalmente o Ford T, principal produto na época.

Tal fato ocorre em uma época que é marcada por grande crescimento econômico, principalmente dos Estados Unidos, a Europa tinha acabado de vivenciar uma guerra e o mesmo oferecia assistência a esses países.

Nesse momento a Europa se reconstrói rapidamente, passa a comprar menos produtos dos Estados Unidos e o estoque da produção permanecia alto, as ações da bolsa de Nova Iorque

despencaram e o mercado interno não dava conta de consumir esses produtos, desvalorizando-os, contribuindo com a própria crise de superprodução ou Grande Depressão.

Essa parte da história foi marcada por pobreza, um grande desemprego e de piores condições de trabalho, marcando uma das crises que o capitalismo enfrentou e todas as mazelas causadas para a classe trabalhadora mesmo sendo ela parte importante da geração de riqueza.

Até esse momento histórico já se denotam danos que afetam as 3 esferas: Sociais, por conta da classe trabalhadora que é utilizadas apenas como forma de obter lucro, sem necessariamente dar atenção a suas necessidades ou por pessoas que nem sequer foram levadas em consideração durante todo esse anseio por capital; Econômicas, pois tais prejuízos foram causados pela dependência em um modelo baseado na produção em massa e incontrolável, assim como ambientais, pela natureza que foi sendo exaurida por todo esse tempo e que conseqüentemente os efeitos disso reverberarão em outras esferas, como é visível hodiernamente.

Embora o progresso do século XX seja inegável, as previsões não sugerem um ascenso contínuo, mas a possibilidade, talvez até a iminência, de alguma catástrofe: outra e mais letal guerra mundial, um desastre ecológico, uma tecnologia cujo triunfo torne o mundo inabitável para a espécie humana, ou qualquer outra forma atual que o pesadelo possa revestir. A experiência nos ensinou, em nosso século, a viver na expectativa do apocalipse (Hobsbawm, 1988, p. 288).

Avançando-se ainda mais, tem-se na segunda metade do século XX, mais precisamente em 1950, a Terceira Revolução Industrial, tendo destaque a Europa, Japão e Estados Unidos. Em relação a geração de energia desse período, tem-se destaque para o petróleo e também as energias alternativas, composto por exemplo por energia eólica, solar, dentre outras, porém a energia a base de combustíveis fósseis ainda é a mais utilizada.

Surge também outra “fase” marcante nesse contexto, denominada de Toyotismo, que surge após a crise do petróleo, foi um modelo criado no Japão e com a intenção de ser flexível, ou seja, se adapta as necessidades de mercado, evitando os estoques que eram comuns no Fordismo e que foram importantes para causar todas as problemáticas descritas anteriormente, além disso é um período que se busca justamente o maior investimento em pesquisas para se obter mais tecnologias, pois assim buscar-se-ia mais capital.

Importante salientar que nesse período as coisas começam a ficar cada vez mais globalizadas, acompanhando a evolução industrial até esse momento, no sentido de que as próprias fábricas eram espalhadas em vários lugares, para se montar um determinado produto final os recursos vinham de partes diferentes do mundo, é a questão da desconcentração industrial.

Nesse mesmo intervalo de tempo do surgimento e desenvolvimento do Toyotismo, também se tem o aparecimento do Neoliberalismo, uma troca de fase do próprio capitalismo, que não é mais Keynesianista, nesse momento defende-se a não participação do Estado na economia e uma maior abertura ao capital estrangeiro.

O poder estatal é liberado de todo e qualquer empreendimento econômico ou social que possa interessar ao capital privado nacional e transnacional. Trata-se de criar o “Estado mínimo”, que apenas estabelece e fiscaliza as regras do jogo econômico, mas não joga. Tudo isto baseado no suposto de que a gestão pública ou estatal de atividades direta e indiretamente econômicas é pouco eficaz, ou simplesmente ineficaz. O que está em causa é a busca de maior e crescente produtividade, competitividade e lucratividade, tendo em conta mercados nacionais, regionais e mundiais (Ianni, 1988, p. 28).

Outro ponto é a alta dívida externa marcante dessa fase e que ainda persiste faz com que os países demonstrem ainda mais o seu foco, já que outras questões são tratadas de formas diferentes para que fique mais “barato” a realização de processos produtivos, portanto não se tem o interesse devido em pautas que também são importantes, principalmente levando em conta que uma delas é justamente a que é responsável pela origem de sua própria geração de capital.

É que as taxas de juros altas, ou desestimulam os investimentos produtivos, ou induzem a práticas produtivas que garantam uma rentabilidade dos investimentos compensando as taxas de juros altas. A maior exploração da natureza e a materialização dos danos ambientais podem bem ser, e têm sido, uma compensação para as altas taxas de juros (Porto-Gonçalves, 2006, p. 39).

Durante o próprio Período-Técnico-Científico-Informacional, também tentando alguma compensação porém por toda a exploração natural crescente até aqui, começa-se a se preocupar com questões ambientais em conferências como a de Estocolmo, e que não necessariamente ocorriam de bom grado, o próprio *Greenwashing* começa a ser de fato conhecido e mencionado nesse mesmo intervalo de tempo, porém mesmo com os holofotes apontados para os impactos ambientais ainda existiu e existe uma exploração ambiental crescente que causam efeitos negativos no meio ambiente.

Com base nisso, é necessário se dizer que as mudanças durante essa fase da revolução industrial também ocorreram fora dos grandes centros urbanos, em um processo denominado de Revolução Verde, basicamente a introdução do processo industrial no campo, tem-se a introdução de maquinários, produção de fertilizantes químicos e agrotóxicos, além do desenvolvimento de sementes transgênicas. Tal revolução acabou por impulsionar processos

que ocorriam mais discretamente ainda na segunda revolução industrial, com o intuito de melhorar ainda mais a eficiência e a produtividade na agricultura.

Além disso tem-se novas técnicas, como a calagem, servindo para diminuir a acidez de solos “despreparados” para que se realize o plantio, de forma a se adaptar a um ambiente para que se possa extrair o máximo de seus benefícios.

A produção de alimentos que seria para resolver o problema da fome se tornou novamente capitalizada, até mesmo porque o problema não seria uma questão de produção e sim o acesso a esses alimentos. Utiliza-se o sistema de monocultura, que se encarrega de empobrecer o solo a longo prazo e isso é feito justamente para que esse produto que foi plantado seja vendido em grande quantidade, gerando ainda mais capital, alguns exemplos são o milho e a soja, um dos principais commodities.

Ademais, inovações como as próprias sementes transgênicas acabam gerando prejuízos quando entram em contato com sementes crioulas ou virgens, podem contaminá-las por meio do processo conhecido por transgenia, contribuindo com a diminuição da variabilidade genética, os agrotóxicos que são utilizados comumente são responsáveis pela acidificação do solo e podem inclusive contaminar outras partes do ambiente e gerar outros prejuízos que se estendem a partir disso.

A saúde humana pode ser afetada pelos agrotóxicos diretamente, através do contato com estas substâncias – ou através do contato com produtos e/ou ambientes por estes contaminados – e, indiretamente, através da contaminação da biota de áreas próximas a plantações agrícolas, que acaba por desequilibrar os ecossistemas locais, trazendo uma série de injúrias aos habitantes dessas regiões (Silva et al., 2005, p. 28).

A própria lavagem verde também se apropria dessa agricultura, das produções, tendo em vista que existem comerciantes que se utilizam incorretamente das certificações que são oferecidas para alimentos orgânicos, alguns possuem a mesma mas acabam ainda utilizando agrotóxicos nas suas plantações, cometendo fraude, que têm seu valor aumentado sem motivo algum, portanto engana-se o consumidor que acha que está comprando algo mais saudável e que ajude na conservação ambiental em troca de alguma vantagem, nesse caso a econômica. Manifesta-se novamente o que se busca e o real interesse em quaisquer práticas passadas e que perduram até hoje.

Importante denotar que durante o passar do tempo, vindo do surgimento de indústrias, seus modelos de produção, particularidades e inovações, assim como o crescimento econômico e todo o avanço capitalista, acaba-se por induzir as pessoas a serem cada vez mais

individualistas e propriamente ditas consumistas, o bem-estar passa a ser utópico e centrado no que se pode gerar de capital ou consumir, mesmo que não haja uma necessidade aparente.

Portanto, e de forma não espantosa, a Terceira Revolução Industrial também é marcada pelo consumismo que é herdado desde o Fordismo descrito anteriormente durante a Segunda Revolução Industrial com o “modo americano de se viver”.

A partir disso é necessário citar a contribuição das propagandas para essas práticas consumistas, a ideia do “ter” passou a ser vista como inclusão, desenvolvendo em quem as absorve um sentimento de necessidade ou desejo, que independe do seu perfil de consumo, e é interessante notar que a prática do *Greenwashing* já se apossa também dessa ferramenta e da necessidade de consumo exacerbada, o que ratifica de certo modo o argumento desenvolvido por Bauman (2007, p. 108), “Toda promessa deve ser enganosa ou pelo menos exagerada para que a busca continue”.

A própria internet que surgiu durante esse período também foi importante nesses pontos, quando a mesma sofreu avanços e se tornou mais acessível e eficiente acaba por servir como forma de divulgação e um meio de ampliar o alcance dessas propagandas, que podem ser feitas por redes sociais, vídeos etc.

Hodiernamente, empresas podem simplesmente elaborar propagandas ou falsas declarações em seus sites demonstrando serem “verdes”, essa informação será divulgada para um número muito alto de pessoas, que como dito anteriormente, irão consumir esses produtos por achar que estão contribuindo com uma maior preservação ambiental, porém estão alimentando o mesmo sistema exploratório de sempre.

Portanto, tem-se até esse momento histórico fatos que geram consequências negativas como a exploração ambiental indevida e contínua, intempéries econômicas que acabam por ser resultado de uma insistência, seja pela lavagem verde no âmbito empresarial nos dias de hoje ou por conta de algum modelo que não é sustentável o bastante, como foi demonstrado durante a crise de superprodução e causando novamente prejuízos em setores da sociedade, que agora também irá englobar os que dispõem de menos formas de se adaptar as consequências.

O Racismo Ambiental e Climático são um resultado dessas práticas e inseridos no contexto do *Greenwashing*, tendo em vista que o mesmo contribui com os impactos ambientais diretamente e acaba perpetuando essas implicações que reverberam na sociedade.

Algumas áreas são mais propensas a sofrerem com problemas ambientais e acabam por decorrência se tornando mais suscetíveis as alterações climáticas e todas as suas consequências, para Armond (2018, p. 105) “Enquanto houver capitalismo, ocorrerão

assimetrias e heterogeneidades na distribuição dos desastres, sendo, a vulnerabilidade um de seus elementos estruturantes.”

O *Greenwashing*, portanto, incorpora todos esses pontos, porém com uma estratégia de marketing que é adaptada ao mundo atual e suas mazelas, perpetuando impactos, o aumento da temperatura terrestre que tem como uma de suas consequências o derretimento de geleiras e a elevação dos oceanos são somente alguns exemplos característicos da parte ambiental. Em uma época marcada justamente pela maior preocupação ambiental, cenário este que está sendo utilizado para gerar mais lucro, denota-se ainda o desejo pela expansão e a acumulação de capital em detrimento de outros setores como os sociais e ambientais, portanto, aqui se reside a importância de uma análise cada vez mais holística.

O capitalismo, por isso, produz uma determinada paisagem geográfica (em termos de relações de espaço, de organização territorial e de sistemas de lugares correlatos em uma divisão “global” do trabalho e das funções) apta à sua dinâmica de acumulação de um dado momento da sua história, para depois destruí-la e reconstruí-la para adaptar-se à acumulação em um momento sucessivo (Harvey, 1954, p. 11).

Com base em todo o contexto e discussão desenvolvidos por meio deste tópico o *Greenwashing* acabou por se desenvolver, sendo propiciado de acordo com o tempo, meios que o mesmo irá utilizar para sua evolução posterior. A definição mais específica e a associação da lavagem verde com tais ferramentas será demonstrada a seguir, além das formas de detecção desse paradoxo.

2.2 *Greenwashing* e marketing verde

O termo “*Greenwashing*” surge inicialmente na década de 80, foi mencionado pelo ambientalista Jay Westerveld com o intuito de denunciar as práticas pseudo sustentáveis de hotéis, em que se existiam práticas contraditórias que fariam com que mesmo ocorrendo uma aparente e sustentável tarefa, acabaria sendo “irrelevante”, não tendo um impacto ambiental realmente significativo levando-se em conta outras medidas que poderiam ser feitas.

A partir disso tem-se o início do paradoxo ambiental que foi aplicado a diversos ramos do mercado e que se constitui como prática criminosa, pois é tratada como uma forma de fraude em sua essência, apesar das ações muitas vezes serem mais graves do que simplesmente uma informação falsa.

Segundo Goes e Rebouças (2017, p. 91):

O *greenwashing*, também conhecido como falso marketing verde ou maquiagem verde, consiste na utilização de uma imagem de proteção ambiental que não corresponde à verdade, oferecendo ao consumidor um produto/serviço que supostamente contribuiria para a proteção do meio ambiente quando na verdade isso não ocorre.

O surgimento do termo está atrelado também a uma crescente preocupação ambiental que surgiu nesse mesmo período, que resulta posteriormente em conferências que se debatem tais assuntos, como a própria Rio-92, fazendo com que se influencie uma mudança na forma de ver o mundo, mesmo que existindo no mesmo ambiente que a lavagem verde, sendo ela um exemplo de aplicação incorreta e que está fora do escopo original ambientalista.

O movimento ambientalista multifacetado que surgiu a partir do final dos anos 60 na maior parte do mundo, principalmente nos Estados Unidos e norte da Europa, encontra-se, em grande medida, no cerne de uma reversão drástica das formas pelas quais pensamos na relação entre economia, sociedade e natureza, propiciando o desenvolvimento de uma nova cultura (Castells, 2000, p. 142).

Ademais, o *Greenwashing* se apropria também do marketing, já que por meio dele a prática pode ser divulgada e inserida no cotidiano dos consumidores que muitas das vezes não sabem o que estão consumindo, por meio de propagandas que não constata determinadas informações ou até mesmo as criam sem nenhum tipo de oficialidade existente, como o que é feito com os selos ambientais genéricos por exemplo.

A apropriação causa distorções até mesmo no conceito e na existência do Marketing Verde. Conforme Lopes e Pacagnan (2013, p. 117):

[...] o marketing verde surge como uma ferramenta estratégica que visa equilibrar o consumo da sociedade com o mínimo impacto ao meio ambiente, criando produtos ecologicamente corretos desde a sua produção até o seu descarte para atender a uma demanda crescente de clientes ambientalmente conscientes.

Tal conceito passou por diversas modificações ao longo dos anos e acompanhou praticamente o surgimento desse *Greenwashing*, se tornando cada vez mais incisivo com o passar do tempo, preocupando-se com os efeitos das indústrias no ambiente externo inicialmente, após isso avança em relação a considerar outros serviços e meios de produção até a fase que está atrelada ao desenvolvimento sustentável, sendo essa a mais atual.

De acordo com o Instituto de Defesa de Consumidores (IDEC), existem 7 práticas realizadas por empresas e que identificam a existência do *Greenwashing*:

Quadro 1- Práticas Comuns no *greenwashing*

Práticas	Descrição
Falta de Provas	Não especifica os Fatos e Dados Científicos que são baseados
Troca Oculta	Uma questão ambiental é tida como mais importante em relação a outras potencialmente mais sérias
Vagueza/Imprecisão	Uso de expressões mal definidas ou amplas
Irrelevância	Apelo que pode ser verdadeiro, mas que acaba não sendo relevante ao consumidor que procura um produto com vantagem ambiental
Menor de Dois Males	Apelo ambiental que apesar de ser verdadeiro distrai o consumidor de impactos ambientais maiores
Mentira	Embalagens que contém declarações e reivindicações falsas
Falsos Rótulos	Falsa sugestão ou imagem que se parece com um selo para induzir o consumidor a adquirir o produto

Fonte: Adaptado de Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC), 2024

Entretanto, apesar de todo o aparato que foi contaminado pelo *Greenwashing* existem estratégias recentes que podem contribuir com seu combate, principalmente levando-se em conta o âmbito empresarial, envolvendo o Modelo ESG que será descrito a seguir.

2.3 Modelo ESG

O modelo ESG envolve 3 pilares principais, ambiental, social e de governança. O termo nasce em 2004, por meio do documento: “Who cares Wins: Connecting Financial Markets to a changing world”, sendo ele elaborado pelo Banco Mundial em associação com a ONU (Organização das Nações Unidas), tinha a intenção de fomentar as principais instituições financeiras do mundo a incorporar os pilares ambientais, sociais e econômicos no mercado financeiro.

De acordo com Correa, Machado e Carlini (2023) existiram alguns eventos que formaram o ambiente para o surgimento do modelo ESG, inicialmente ocorreu um aumento da consciência ambiental no final do século 20, perpassando pelo surgimento de movimentos de responsabilidade social entre 1960, em relação aos impactos das empresas na sociedade,

reformas de governança entre 1980 e 1990, por falhas e escândalos na governança corporativa e o impulso aos investimentos responsáveis na década de 90, onde se começa a considerar os fatores ESG ao tomar decisões de investimento.

Nota-se que possui uma semelhança histórica com o desenvolvimento do *Greenwashing*, baseado em um aumento da consciência ambiental e não somente nisso, mas também atrelado a responsabilidade social de uma empresa.

A utilização desse modelo por empresas de diversos setores está cada vez maior e se tornando um ponto chave do planejamento dessas entidades, inclusive como uma forma de satisfazer os *Stakeholders*, que seriam as pessoas que teriam interesses diversos e que irão compor diferentes “setores”, podendo ser colaboradores, clientes, imprensa, investidores etc., sendo essenciais para a tomada de decisões, estes consideram fatores além dos financeiros sem diminuir sua importância, como o próprio clima organizacional por exemplo, diferentemente dos *Shareholders* que têm como principal interesse a parte financeira de determinada organização.

Concomitantemente a isso, segundo Stevanato (2023, p. 37), “Questões ambientais, sociais e de governança (ASG) estão cada vez mais influenciando as decisões das empresas sobre mecanismos e perspectivas da sociedade e dos stakeholders em relação aos resultados das empresas.”

Além do que a própria consciência ambiental desenvolvida ao longo dos anos também é importante para compreender a mudança de perspectiva empresarial.

Deve-se destacar, também, a chegada à bolsa das novas gerações (millenials e centennials), gerações estas, que demonstram uma maior preocupação por criar um impacto positivo no mundo e, uma das melhores formas que encontrou de levar à cabo tal proposta foi mediante o investimento em projetos sustentáveis ou com finalidade ESG (Romero, 2021, p. 15).

Tal investimento ocorre em grande parte quando uma determinada empresa possui certificações que comprovem que ela de fato esta alinhada com a sustentabilidade, além disso tem-se importância as métricas que podem ajudar a empresa a se adequar a essas finalidades ESG, de acordo com o SEBRAE (2022), existem alguns métodos que podem ser utilizados para mensurar a realização dessas práticas em questão, apesar de não ser um consenso entre as empresas, é possível isolar alguns dos que possuem mais importância do ponto de vista global e que são encontrados em alguns relatórios de sustentabilidade:

1) *GRI Standards* (Iniciativa Global de Relatórios), que acaba por compilar os dados para divulgação pública e seus impactos sociais, econômicos e ambientais;

2) WEF-IBC (Conselho Internacional de Negócios do Fórum Econômico Mundial), proposto pelo Conselho Internacional de Negócios do Fórum Econômico Mundial, trazendo 21 métricas básicas e 34 expandidas, baseando-se em Princípio de Governança, pessoas, prosperidade e planeta;

3) SASB (Conselhos de Normas Contábeis de Sustentabilidade), que estabelece padrões específicos para diferentes setores, identificando as questões sociais, ambientais e de governança e como isso pode impactar no desempenho financeiro de uma empresa;

Tomando-se como referência o próprio Fórum Econômico Mundial que foi citado, existem métricas mais específicas que envolvem essa análise ESG, expandindo-se em 4 categorias: Pessoas, Planeta, Prosperidade e Governança.

Quadro 2 – Métricas de Análise ESG

Categorias	Métricas
Pessoas	1.Dignidade e Igualdade 2.Saúde e Bem-Estar 3.Competências para o Futuro
Planeta	1.Poluição do Ar e Mudanças Climáticas 2.Resíduos Sólidos 3.Perda da Biodiversidade e Poluição da Água 4.Disponibilidade de Água Doce e Recursos
Prosperidade	1.Comunidade e Vitalidade Social 2.Geração de Empregos e Riquezas 3.Inovação em melhores produtos e Serviços 4.Criação de Riqueza e Emprego
Governança	1.Comportamento Ético e Qualidade do Órgão de Governança 2.Princípios de Governança 3.Monitoramento de Riscos e Oportunidades 4.Engajamento dos <i>Stakeholders</i>

Fonte: Adaptado de World Economic Forum, 2024

Ratifica-se, portanto, a importância da existência desse modelo e de métodos para mensurar o que está sendo feito pelas organizações e que conseqüentemente serve como uma forma de análise holística, tendo em vista a junção dos âmbitos sociais, ambientais, de governança corporativa e seus efeitos externos, que são incorporados com base também em

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e uma Agenda que dispõe de uma nova visão mais equitativa e sustentável do futuro.

2.4 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Agenda 2030

Inicialmente, deve-se destacar o aparecimento do termo “Desenvolvimento Sustentável”, este ocorrendo pela primeira vez no relatório Brundtland em 1987, feito pela *World Comissions on Environment and Development*, de acordo com esse relatório o termo acima destacado seria justamente representado por um tipo de desenvolvimento que atenderia as necessidades da geração atual, porém sem impedir que as necessidades das gerações futuras também fossem atendidas.

Entretanto o termo somente foi colocado em prática durante a Agenda 21 no ano de 1992 durante a ECO-92, nessa mesma época foi feito um plano de ação que contava já com alguns objetivos e metas.

A Agenda 21 está voltada para os problemas prementes de hoje e tem o objetivo, ainda, de preparar o mundo para os desafios do próximo século. Reflete um consenso mundial e um compromisso político no nível mais alto no que diz respeito a desenvolvimento e cooperação ambiental (ONU, 1992, tradução nossa).

Esta agenda já disponibilizaria algumas ações de forma bastante ampla, dividindo-se em 4 partes, as dimensões sociais e econômicas, conservação e gestão de recursos para o desenvolvimento, a participação global em prol da aplicação desses objetivos, promovendo a colaboração e os meios para implementação.

Avançando-se um pouco até os anos 2000, por meio de um evento denominado Cúpula do Milênio, são instituídos os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), sendo formado por 8 objetivos globais, que teriam como função tornar a globalização algo mais inclusivo, de modo que muitas nações estavam em desenvolvimento e outras acabavam enfrentando vários problemas para que se alcançasse tal feito, fornecendo também metas mais específicas.

Consoante com Roma (2019, p. 33):

Os oito ODM abrangiam ações específicas de combate à fome e à pobreza, associadas à implementação de políticas de saúde, saneamento, educação, habitação, promoção da igualdade de gênero e meio ambiente, além de medidas para o estabelecimento de uma parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Os ODM tinham um intervalo de referência de 1990 até o ano de 2015, diferente dos ODS, que vieram posteriormente. Após esse período, na conferência Rio+20 realizada em 2012 foi proposto um novo grupo de objetivos que pudessem ser aplicados após o ano de 2015, nesse ano em questão foi feito o documento: “Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, que revelou os ODS e estenderia o intervalo de tempo até 2030, sendo composto por mais objetivos que deveriam ser colocados em prática pelas nações. Conforme a ONU (2015), “Esta Agenda é um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade.”.

Existem ao todo 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que juntos são compostos por 169 metas e perpassam por várias áreas, que envolvem erradicação da pobreza, consumo e produção responsáveis, ações contra a mudança global climática dentre outros, dentro de cada objetivo existem metas diferentes, assim como foram os ODM.

[...] Eles se constroem sobre o legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e concluirão o que estes não conseguiram alcançar. Eles buscam concretizar os direitos humanos de todos e alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas. Eles são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental (ONU, 2015).

Os ODS irão começar por conta dessa integração com as diferentes dimensões da sustentabilidade a ter importância também levando-se em conta o meio empresarial, para Romero (2015, p. 9):

No universo corporativo, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável tomam os negócios mais eficientes, responsáveis, transparentes e mais competitivos. Ao adotar uma metodologia para cumprir os ODS, as empresas assumem um papel relevante na mitigação dos riscos impostos ao meio ambiente e aos recursos naturais, além de contribuir para a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida no planeta.

Portanto, tais ODS que foram colocadas em ação a partir da Agenda 2030 contribuem com a análise holística a ser feita nesse estudo e ainda mais se associado ao modelo ESG descrito anteriormente e suas corretas aplicações.

Nota-se então por conta disso que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável acabam sendo importantes ferramentas para combater o *Greenwashing*, mesmo que não diretamente, pois foca-se nas resoluções de problemas que o formam ou os que são causados por ele, além de ser uma tentativa de resolução de vários problemas conhecidos a muito tempo.

Em se tratando de governança, a própria Agenda 2030 traz em seu escopo diversas especificações sobre sua importância na implementação dos objetivos. A agenda cita que a democracia, Estado de Direito, boa governança e meio ambiente favorável nos níveis internacionais e nacionais constituam elementos essenciais para o

desenvolvimento sustentável, além do crescimento econômico inclusivo e sustentado, desenvolvimento social, proteção ambiental e erradicação da pobreza e da fome (Joyce, Filho e Martins, 2022, p. 9).

Tendo em vista essas discussões torna-se necessário também salientar a importância novamente das relações entre o modelo ESG e os próprios objetivos descritos com mudanças que devem ser feitas mais fortemente também na esfera econômica em si por meio da Economia Circular, englobando também as relações entre sociedade, economia e natureza e estando alinhada com o desenvolvimento sustentável, sendo minuciada a seguir.

2.5 O que é uma Economia Circular?

Pode-se dizer que o conceito de Economia Circular não surgiu de uma hora para a outra, teorias antigas como a Teoria Geral dos Sistemas que foi criada por volta de 1950 já discorriam sobre as relações entre esferas diferentes e suas complexidades, demonstrando que a análise individual não seria a mais correta a se fazer.

De acordo com o detentor da teoria, Ludwig von Bertalanffy (2010, p. 55):

É necessário estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tomando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo.

Já se mostra, portanto, a importância da visão holística que deve ser aplicada as esferas sociais, econômicas e ambientais e que vai servir como forma de ponto de partida para pensamentos posteriores como os difundidos pelo estudo “*The Economics of the Coming Spaceship Earth*” de Kenneth Boulding (1966, p. 7, tradução nossa), “Os problemas que a nave espacial Terra vai apresentar, portanto, não estão todos no futuro de forma alguma, e um forte argumento pode ser feito para prestar muito mais atenção a eles no presente do que fazemos agora.”

Relaciona-se nesse caso, conseqüentemente, a economia linear e seus processos a uma nave espacial que possui recursos limitados, sendo representado pela terra, demonstrando a necessidade e até mesmo certa urgência em realizar medidas que trabalhem em prol do desenvolvimento sustentável, tentando diminuir a entropia de um sistema que se encontra atualmente elevado.

[...] Isso porque, à medida que a economia cresce, incorpora uma proporção cada vez maior dos ecossistemas e lhes devolve matéria degradada e energia dissipada. Em termos entrópicos, a economia em crescimento, transforma uma quantidade crescente

de matéria e energia de baixa entropia em resíduos de elevada entropia e perda de energia (Oliveira, 2022, p. 20).

A partir disso, percebe-se que é imprescindível a existência de um método “Cradle to Cradle” sobre a necessidade de voltar ao sistema antigo de funcionamento terrestre, como descrito por William McDonough e Michael Braungart (2002, tradução nossa, p. 92):

Esse sistema cíclico, biologicamente *cradle to cradle*, tem nutrido um planeta de crescimento e de abundância diversificada ao longo de milhões de anos. Na história da Terra, até pouco tempo atrás, era o único sistema, e todo ser vivo do planeta pertencia a ele. O crescimento era bom. Significava mais árvores, mais espécies, maior diversidade e ecossistemas mais complexos e resilientes.

Tendo em vista todas essas contribuições, nota-se a importância da Economia cíclica para as aplicações dessas vontades e importante do ponto de vista da sustentabilidade.

Torna-se uma visão diferente da economia convencional e que de fato gera benefícios, já que os resíduos não são o ponto final, ou seja, esses materiais são reinsertados no mercado, reutilizados e reciclados.

Este novo paradigma de sustentabilidade estimula novas práticas de gestão e descortina novas oportunidades adicionando valor à organização e aos clientes, em harmonia com o meio ambiente. Enquanto fonte de inovação e permitindo a redução da procura de recursos naturais com a recuperação de desperdícios e resíduos, a Economia Circular abre excelentes perspectivas a serem encaradas pelas empresas como alavanca e motivação para um crescimento com bases sólidas e com futuro, além das vantagens competitivas no contexto de um mercado global altamente dinâmico (Leitão, 2015, p. 153).

Isso faz com que muitos produtos sejam até mais baratos do que os confeccionados com material virgem, que são os que tiveram de ser retirados do meio ambiente para produzir um determinado produto. Segundo Barroso e Gonçalves (2015, p. 266), “Esperar o esgotamento dos recursos não renováveis não é a melhor alternativa e não apenas por questões meramente econômicas, mas avaliando aspectos ambientais que englobam o bem-estar social.”

Com base no que foi demonstrado, esta proposta de uma nova forma de conduzir um modelo econômico pode gerar benefícios a setores que são impactados pelo *Greenwashing*, pois traz à tona a importância de uma discussão mais abrangente de fato e tendo função completamente oposta as práticas pseudo sustentáveis, já que atua na promoção do desenvolvimento sustentável tentando frear a degradação crescente.

Portanto, reside-se uma importância no que se diz respeito a modificação de uma visão que é intrínseca a lavagem verde e que adiciona ainda mais benefícios, garantindo e indo de encontro aos princípios que são abarcados pelo conceito de justiça ambiental, que será descrito a seguir.

2.6 Justiça ambiental

Hodiernamente percebe-se que o lucro é visto com mais atenção do que pessoas, a necessidade de sempre se obter mais acaba muitas das vezes prejudicando grupos específicos que não conseguem contornar as dificuldades que são geradas ou impostas a eles, afetando não somente o meio em que vivem, mas também culturalmente.

A partir de então, percebe-se a relevância da existência de uma forma de proteger essas populações dos males a elas causados.

O Movimento de Justiça Ambiental constituiu-se nos EUA a partir da articulação criativa entre lutas de caráter social, territorial, ambiental e de direitos civis. Já a partir do final dos anos 60, redefiniu-se em termos “ambientais” um conjunto de embates contra as condições inadequadas de saneamento, de contaminação química de locais de moradia e trabalho e disposição indevida de lixo tóxico e perigoso (Acselrad, 2002, p. 52).

Após o período citado anteriormente, houve uma evolução desse termo, em que já se considerava a equidade geográfica, ou seja, independente da área deve-se ter acesso a recursos adequados e oportunidades para uma vida digna e também a definição de o que seriam as “questões ambientais urbanas”, porém começa-se a considerar a relação entre grupos específicos e a poluição somente em 1987.

Segundo Toniol e Steil (2013), em 1991 durante a Conferência Nacional das Lideranças Ambientais das Pessoas de Cor, sediada em Washington, começa-se a incluir essas questões na agenda de governança global. Tal movimento acabou acarretando no ano de 1994, por meio da Ordem Executiva 12.898 emitida por Bill Clinton, uma discussão mais aprofundada e que de fato começa a abordar e colocar em prática as questões relacionadas a Justiça Ambiental e as relações com as populações minoritárias e populações de baixa renda.

Baseando-se no conceito de Justiça Ambiental e a evolução demonstrada, o mesmo acaba por combater 2 problemáticas que ocorrem nos dias de hoje, ambos são referentes aos prejuízos que são causados a esses grupos específicos, sendo o primeiro deles denominado de Racismo Ambiental.

De acordo com Rangel (2016), o ponto de partida do Racismo Ambiental se dá durante a revolta de moradores negros de Warren County, em 1982, quando se lutava contra a instalação de um depósito de rejeitos contaminados.

De modo a se definir o termo, conforme Herculano (2008), o racismo ambiental não se refere a apenas ações que tenham intenção racista, mas por meio de ações que tenham impacto racial, mesmo que não seja a intenção de origem. É um tipo de desigualdade e injustiça

ambiental específico, que recai sobre etnias e em todo o grupo de populações ditas tradicionais, ribeirinhos, extrativistas, ciganos etc. – confrontando uma situação da chegada de empreendimentos desenvolvimentistas – que o expõem de seus territórios, desorganizam suas culturas e os forçam a conviver com o envenenamento e a degradação de seus ambientes de vida.

Além disso, essa problemática acaba envolvendo também áreas diferentes, trazendo prejuízos que vão muito além da pauta ambiental em si, por ser de acordo com Priscila Ferraresi (2012, p. 273), “Fenômeno que perpassa as esferas da saúde, alimentação, habitação, atingindo também a seara laboral, macula intimamente o mínimo existencial ecológico que deve ser, aprioristicamente, indisponível para consolidar uma existência digna aos seres humanos.”

O Racismo climático por sua vez, tem como base as mudanças climáticas, podendo citar exemplos como ondas de calor, as secas mais duradouras dentre outras consequências, e acaba sendo uma consequência direta do próprio Racismo Ambiental supracitado, pois segundo Dias (2023, p. 31) “Os indivíduos que habitam áreas irregulares, recorrentemente privados de saneamento básico ou de qualquer estrutura pública de apoio, são as vítimas imediatas dos danos causados pelas mudanças climáticas.”

A partir das questões apresentadas até o momento, torna-se necessário portanto estabelecer uma relação entre as estratégias ditas anteriormente e o conceito de Justiça Ambiental que acompanha as problemáticas a serem combatidas, demonstrando como o trabalho conjunto entre os ODS, ESG e Economia Circular podem desencadear um combate mais eficiente ao próprio *Greenwashing* e também contribuir com a mitigação dos danos causados na esfera social em si, mas também envolvendo a parte ambiental e econômica, tendo em vista o aspecto holístico que faz parte de cada um desses conceitos.

3. METODOLOGIA

Este tópico pretende discorrer sobre a metodologia que foi utilizada para a construção do presente estudo, dispondo de informações como o tipo de pesquisa e a abordagem utilizada além das etapas realizadas para a construção desse estudo, separando-se em 2 tópicos.

3.1 Tipo de pesquisa

Esse estudo trata-se de uma revisão bibliográfica, de forma narrativa sendo formada por 2 tipos de pesquisa em conjunto, sendo a primeira caracterizado por uma pesquisa exploratória, que se encarrega de expandir a análise do tema, segundo Munaretto, Luiz Corrêa e Araujo Carneiro da Cunha (2013, p. 10), “Isso ocorre porque, na pesquisa exploratória, busca-se conhecer, mais profundamente, o tema abordado, de modo a torná-lo mais claro. Portanto, a pesquisa exploratória segue uma orientação que se volta para a descoberta.”.

O segundo tipo de pesquisa, esta tendo um caráter mais descritivo e que contribuem com a análise holística que é desenvolvida no estudo, pois ainda segundo Gil (2008, p. 28), “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis.”, ou seja, essas categorias de pesquisa acabam contribuindo para a construção da argumentação que é proposta assim como a análise holística que é desenvolvida em conjunto.

Portanto, a abordagem deste estudo seria de caráter qualitativo, possuindo importância também para essa compreensão mais aprofundada dos assuntos desenvolvidos aqui, permitindo uma maior flexibilidade, ratificando o disposto por Barros, Oliveira e Souza (2018, p. 14):

Na atualidade, a metodologia qualitativa opera de maneira potente, reafirmando, por um lado, a incomensurabilidade e irredutibilidade de algumas de suas partes à tradição contábil de pesquisa, e, por outro lado, a porosidade de suas fronteiras para o diálogo com formas inovadoras e ainda experimentais de investigação.

Em relação as ferramentas deste estudo, utiliza-se a própria pesquisa bibliográfica para organização e coleta de dados que foram realizadas prioritariamente em ferramentas de pesquisa literária, como o Google Acadêmico e Scielo.

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (Bocato, 2006, p. 266).

3.2 Etapas da pesquisa

Como mencionado na introdução, o Objetivo Geral do trabalho é discorrer sobre o *Greenwashing*, sendo ele uma prática criminosa e representado por um paradoxo ambiental e suas implicações socioeconômicas. Inicialmente foi necessário realizar um levantamento bibliográfico, que faz parte da pesquisa bibliográfica citada anteriormente, para que se buscasse o aprofundamento nessas questões que envolvem o Greenwashing, os Objetivo de

Desenvolvimento Sustentável, Modelo ESG e a Economia Circular, sendo realizadas pesquisas em artigos científicos, periódicos e matérias jornalísticas, além de utilizar obras literárias.

Após a coleta, passou-se por uma análise qualitativa, sendo as informações reunidas e utilizadas como forma de aprofundar a análise que é feita para atender os objetivos específicos e conseqüentemente responder a pergunta que é tida como a norteadora deste estudo, considerando-se durante toda a análise feita e a conexão com as contribuições dos autores a interdependência entre sociedade, economia e natureza.

Ratificando, portanto, o disposto por Gil (2008, p. 50), “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no que foi exposto até o momento, pode-se dizer que a junção entre as estratégias discutidas até aqui pode corroborar no combate ao *Greenwashing* e seus impactos socioeconômicos, estes sendo analisados de forma conjunta a seguir.

4.1 ESG e ODS no combate ao *Greenwashing* e seus impactos

O modelo ESG e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são muito importantes como ferramenta de enfraquecimento do *Greenwashing*, ambos estão ligados, porém possuem “escalas” distintas, tendo em vista que os ODS possuem a característica principal de uma mudança global, já o ESG está mais focado em uma visão de empresa.

Outro aspecto a ser abordado é o que os instrumentos, como os ODS e ESG, retroalimentam-se, na medida em que, ao se guiar pelos ODS, para construir uma estratégia ESG, a empresa se adequa a um modelo sustentável de produção e contribui para a implementação e concretização dos ODS, não só a partir das estratégias e ações, mas também ao influenciar positivamente seus stakeholders (Melo, 2023, p. 206).

De forma resumida pode-se descrever os setores que fazem parte do Modelo ESG, a questão ambiental é encarregada de demonstrar os impactos no meio ambiente, sejam eles positivos ou negativos, a social refere-se as relações com os próprios Stakeholders, que seriam as pessoas impactadas pelas ações dessa empresa, a governança relaciona-se a gestão dessa empresa, porém de forma transparente, respeitando principalmente a ética, esse ponto abrange a remuneração correta, luta contra o trabalho exploratório até a própria manutenção da boa relação com os que são impactados pelas ações da instituição.

[...] O *greenwashing* pode, hoje, não só envolver falsas alegações ambientais e a comunicação de informações pouco credíveis ou corretas, como também pode passar pela utilização de símbolos que visam afetar o significado das práticas e percepções, sem que os consumidores tenham total consciência disso (Ribeiro, 2022, p. 102).

Importante notar que os 3 fatores supracitados contribuem com o combate a lavagem verde e temáticas que são alimentadas pelo mesmo, neste modelo defende-se o menor impacto ambiental, tal camada tem sua importância no quesito de acompanhar como essas empresas se utilizam dos recursos naturais.

Entretanto, com base nas relações entre sociedade, meio ambiente e governança que englobam o conceito, tem-se a maior complexidade dessa gestão ambiental, pois engloba agora o pós venda, retomando a ideia do respeito ao consumidor, sobre o que aquele produto entrega e a relação com o que se promete, além de todos os envolvidos nesses processos que devem trabalhar juntos e ter uma visão única nesse quesito.

Portanto, tenta-se combater por consequência a defeituosa associação simbiótica entre o *Greenwashing* e o Marketing Verde, em que não existe benefício ambiental nos produtos comercializados, nem modificações na cadeia produtiva, tendo efeito apenas em relação ao lucro de determinada entidade ou de uma maior fidelidade a marca que é construída de forma errada e em alguns casos temporária, além de prejuízos que impactam diretamente quem consome esses produtos, ou seja, quem seria o seu público-alvo, além de tentar manter a salvo o termo “sustentabilidade” e sua importância para o mercado.

O setor dos fundos de investimento sustentáveis pode ser um importante motor da transição global para uma economia verde, mas, na atual conjuntura, é demasiado limitado em dimensão e escopo para ter um grande impacto e enfrenta desafios relacionados com o *greenwashing* (IMF, 2021, p. 59, tradução nossa).

Logo, a boa relação entre empresa e público de interesse é igualmente importante, no sentido de que se começa a notar os impactos e o que podem causar, portanto contribui até mesmo com a manutenção de uma justiça ambiental, que é necessário no combate ao Racismo Ambiental e Climático, ambos associados a camadas sociais mais vulneráveis. Acima de tudo se tem a importância da existência de uma equidade e a construção de algo positivo, de fato participando de projetos sociais, da questão da inclusão e de enxergar que os impactos gerados por ali não atingem somente o meio ambiente.

Ademais, as práticas de governança são muito importantes na questão de manter a veracidade em relação aos produtos que são ofertados e também do respeito ao trabalhador e sociedade como um todo, fator que não é levado em conta na pseudo sustentabilidade e inclusive demonstrado durante a construção desse paradoxo ambiental.

Transparência acaba sendo um fator chave de governança e também importante meio de se combater algo que faz parte do escopo da lavagem verde, além de que tal governança tem bastante relevância principalmente na questão de se comprovar o que está sendo feito nas esferas sociais e ambientais, servindo como forma de mostrar fielmente os resultados da aplicação do ESG e os benefícios que decorrem a partir deste, culminando em menores impactos que podem ser comprovados.

Portanto, tem-se a importância do “G” como mantenedora da ética empresarial e que contribui com a responsabilidade social desta empresa, sendo um princípio indispensável nesse caso e como forma de contornar a descrença gerada também por falsos discursos.

Os consumidores, no entanto, por vezes iludidos por essas afirmações de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) mal fundamentadas, muitas vezes têm dificuldade em identificar as empresas que são verdadeiramente responsáveis e assim escolher os produtos, processos e serviços que realmente são fabricados ou prestados seguindo as normas de preservação ambiental (Fialho e Marquesan, 2018, p. 401).

Outro ponto relevante e que necessita de bastante atenção seria em relação a importância das certificações que são oferecidas, como em produtos verdes, servindo como forma de controle adicional, sinalizando que estão existindo boas práticas empresariais e que acaba sendo usado concomitantemente como “propaganda” para novos investidores, pois por meio delas pode-se perceber quais estão alinhadas com tal modelo e a veracidade dessas práticas, que seria o mais importante, deve-se, portanto, atentar-se para os selos que realmente possuem credibilidade e que não foram simplesmente criados com a intenção de ludibriar quem os vê.

Como foi dito, os ODS são intrínsecos ao modelo ESG, se retroalimentam e servem como uma base para sua realização, dentre os 17 objetivos existem alguns exemplos que contribuem com o combate ao *Greenwashing*.

Figura 1 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: ONU, 2015

Tal combate, mesmo que não diretamente, é bastante desenvolvido por meio de suas metas, sendo importante, portanto, como uma forma de mitigação aos efeitos socioambientais causados pelo mesmo e uma forma mais robusta de fomentar uma mudança no paradigma hodierno.

O objetivo de número 12 (Consumo e produção responsáveis), contribui com metas que combatem a lavagem verde pois acaba estimulando empresas a adotarem práticas mais sustentáveis e integrar informações de sustentabilidade em seus relatórios, além de almejar a gestão sustentável e o uso eficiente de recursos naturais, um dos pilares que não são aplicados no *Greenwashing*, em que o recurso é reduzido ao que ele pode gerar de lucros.

Ademais tal objetivo tem como meta a própria divulgação de informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável, assim como a necessidade de aliar um estilo de vida em harmonia a natureza, combateria tanto o próprio impacto ambiental causado pelo paradoxo ambiental como os próprios prejuízos causados no marketing verde citados anteriormente, que giram em torno de desconfiança, causando modificações também na estrutura de consumo.

Esse objetivo é impulsionado ainda mais pelo Objetivo 4 (Educação de Qualidade), pois tem também a função de garantir que todos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, independente de classe, etnia etc., combatendo ainda a desinformação que propicia o desenvolvimento da lavagem verde.

Estes em conjunto promovem as boas práticas ambientais, levando em conta a esfera social tanto por considerar os impactos dessas ações fora da empresa como pela questão da inclusão, além de proporcionar o desenvolvimento de uma maior consciência ecológica e a busca por uma maior normalização dessas práticas.

Os ODS também fomentam a boa governança corporativa, princípio que está envolvido no modelo ESG, referente ao objetivo 17 (Parcerias e Meios de Implementação), que além de estar relacionado a uma difusão de tecnologias ambientalmente corretas, fomenta-se ainda em uma de suas metas uma maior coerência em relação as políticas para desenvolvimento sustentável, indicando que é necessário que não se exista versões distintas da mesma instituição, comum no *Greenwashing*, em que uma imagem é transmitida de 2 formas diferentes, tanto institucionalmente, tratando-se da parte interna, quanto para fora dela.

Essas múltiplas versões indicam que não existe modificação alguma, ou seja, nenhum indício que de fato esteja sendo aplicado sustentabilidade de forma pura na empresa ou em qualquer meio que tenha se feito a promessa, de acordo com Barros (2020, p .75), “[...] uma empresa recorre a práticas de *Greenwashing* quando, com o intuito de obter mais lucro, cria uma imagem (falsa) de que é uma empresa com preocupações ambientais, de forma a melhorar a sua imagem perante clientes e fornecedores.”

Falando-se ainda de garantir a sustentabilidade, podemos citar o objetivo 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável) também é bastante importante para o fomento a produções mais sustentáveis que melhorem a qualidade da terra e do solo, além das questões de diversidade genética que devem ser mantidas e atuando também em prol da segurança alimentar, sendo uma forma a mais de possibilitar uma regulação de uma área que também sofre com o *Greenwashing*, principalmente em relação a comercialização desses produtos e o seu consumidor que foi citada nesse estudo, que acaba por englobar conseqüentemente questões relacionadas a saúde.

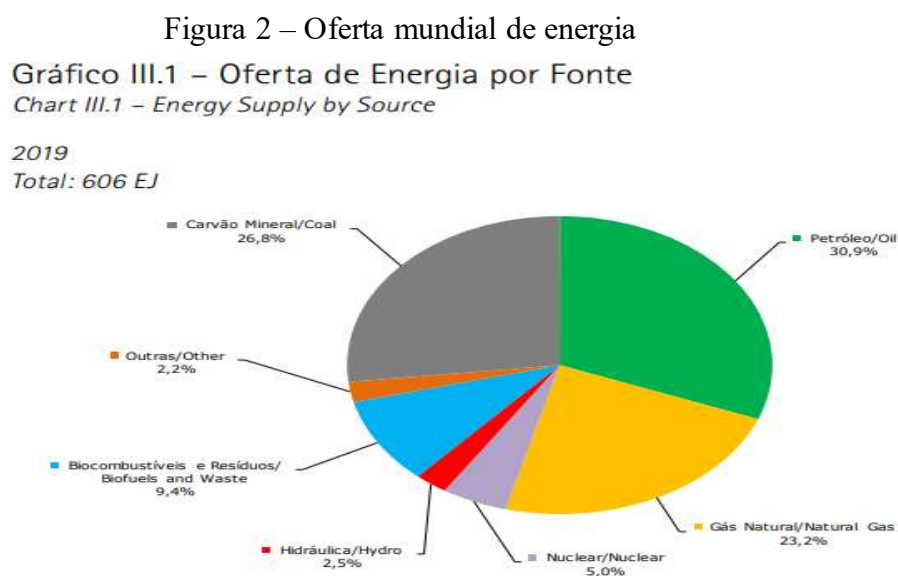
Expandindo ainda o combate as problemáticas sociais, tem-se o objetivo de número 10 (Redução das desigualdades) tendo importância principalmente na questão do Racismo Ambiental e Climático, pois sabe-se que por meio dessas metas há a contribuição em relação ao combate a essas questões justamente por promover políticas e ações adequadas que mitigam as desigualdades socioeconômicas e em um panorama ainda maior, pois trata de forma interna e externa a um país, atacando e reduzindo um dos impactos sociais que são perpetuados por meio do paradoxo ambiental, além de que defende também a questão da inclusão social, de forma a abarcar todos nessas questões que são benéficas, sem nenhum tipo de discriminação.

Este por sua vez, comunica-se com o objetivo 1 (Erradicação da Pobreza), que quer também reduzir a exposição e vulnerabilidades de parte da população mais afetada a eventos extremos relacionados com o clima e outros desastres econômicos, sociais e ambientais, além de garantir direitos iguais aos recursos econômicos, naturais etc.

Os ODS de número 13 (Ação contra a mudança global do clima), 14 (Vida na água) e 15 (Vida Terrestre), também têm sua importância nesse contexto, pois asseguram uma maior

sustentabilidade e respeito aos recursos ou biodiversidade do planeta e formas de mitigação de impactos, necessários para frear a degradação hodierna. Preocupando-se também em relação as problemáticas causadas pela contaminação e poluição do ar, água e solo a sociedade em si, como disposto no objetivo 3 (Saúde e Bem-Estar), que sofre com os prejuízos da degradação fomentada pelo *greenwashing*.

O objetivo 7 (Energia Limpa e Acessível) é igualmente relevante para um monitoramento do que acabou por ajudar no desenvolvimento do paradoxo ambiental em certa medida, pois refere-se ao aumento do uso de energia renovável na matriz energética global, que é marcada por uma lenta transição.



Fonte: Balanço Energético Nacional 2022, 2021

Percebe-se pela imagem que a utilização de energias renováveis ainda é ínfima se comparada com os combustíveis fósseis, denotando ainda mais a importância de um maior fomento a geração de energia de forma limpa e sustentável, tendo importância para a atenuação de uma característica mais fortemente fossilista que acompanha o capitalismo a séculos e que contribui com as intempéries ambientais e consequentemente sociais que são nutridos pela pseudo sustentabilidade, sendo ela uma perpetuação de impactos.

Afinal, existem empresas que assumem um discurso de transição energética, porém com mudanças pequenas, continuam dependendo e até investindo mais nos combustíveis fósseis, como o gás natural por exemplo, que é composto por metano e acaba ainda agravando o efeito estufa, esse caso recente seria o da concessionária de energia *Duke Energy*.

O objetivo 9 (Indústria, Inovação e Infraestrutura) também é importante principalmente por conta da atenção a como se dá a cadeia produtiva de uma determinada produção, tendo em vista a modificação inexistente que se ocorre na pseudo sustentabilidade, prega a maior eficiência no uso de recursos e a adoção a tecnologias e processos industriais que sejam limpos e corretos do ponto de vista ambiental.

É imprescindível frisar e que foi sendo discutido até esse momento, que dentre tais exemplos de ODS e em geral, demonstra-se que são relacionados entre si, envolvendo temas sociais, ambientais e econômicos, esses englobados e com o intuito de atingir uma equidade, além de que várias proposições possuem alguma relação com o que é prejudicado pelo *Greenwashing* e seus impactos posteriores, servindo concomitantemente como forma de monitorar o que esta sendo feito.

Alguns exemplos diretos seriam o objetivo de número 8 (Trabalho decente e Crescimento Econômico), que estabelece em suas metas, políticas para promover o turismo sustentável, por meio desta desenvolve-se as ideias de sustentabilidade, geração de empregos e promoção de cultura local, assim como de seus produtos, fomentando o comércio local, além do próprio objetivo 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) que dá proteção a pessoas em situação de vulnerabilidade e apoia relações econômicas, sociais e ambientais positivas entre as áreas urbanas, periurbanas e rurais, além de fomentar uma urbanização inclusiva e sustentável, reduzindo seus impactos ambientais, mostrando novamente a importância de uma visão integrativa e que abarque mudanças positivas nessas 3 esferas.

A partir desse ponto, denota-se simultaneamente o porquê da aplicação do *Greenwashing* como forma de geração de lucro, pois cria-se uma falsa impressão em relação a realização de fatores que compõem o ESG e que por consequência fazem parte dos ODS.

Do ponto de vista mercadológico, uma empresa que faz o uso dessa prática terá vantagens momentâneas em relação a outras empresas que praticam corretamente uma visão mais sustentável e holística, essa entidade teria uma espécie de holofote empresarial por algum período de tempo em detrimento de outras que realmente realizam práticas benéficas, tendo prejuízos nos âmbitos que compõem o modelo ESG e gerando ainda mais descrença sobre as estratégias que englobam a sustentabilidade.

Ainda que se defenda que ao praticar o *greenwashing* o próprio mercado se encarregará da penalização respectiva, seja pelas experimentações de fuga de capitais, de consumidores, menor desempenho financeiro, dentre outros, a consciência coletiva restará afetada se ao adotarem as práticas de investimento e consumo verdes, não vislumbrarem resultados na coletividade, na biodiversidade, no dia a dia empresarial, com empresas maximizando lucros em detrimento dos aspectos socioambientais (Gomiero, 2021, p. 6).

A maior importância da existência das estratégias citadas neste tópico é oferecer uma contraproposta em relação a ideia construída durante muito tempo, em que a esfera econômica foi sendo mostrada como a única responsável pelo bem estar e merecedora de todas as preocupações.

O foco do ESG e ODS, então, não seria desprezar a esfera econômica em nenhum contexto, pois essa possui sua importância até mesmo para a continuidade das empresas e outros pontos, mas deve-se incluir outras questões pertinentes como as pautas sociais e ambientais, afinal a economia não se desenvolve com o meio ambiente prejudicado e o bem estar fica ainda mais difícil de ser atingido por parcelas da sociedade que sofrem com os males causados pela exploração exacerbada em busca do lucro.

Não obstante, é de relevância expor que apesar dos modelos supracitados disporem de várias maneiras de se combater o *Greenwashing* e suas consequências, os próprios ainda são vistos como algo que atrapalha o ramo empresarial, ou seja, que não se tenha a geração de lucro que se espera em um curto prazo, sendo medidas a longo prazo de fato.

Evidentemente, existem situações que acabam dificultando a aplicação dessas medidas em sua totalidade, a própria questão dos custos iniciais para se iniciar sua aplicação, no sentido de se adequar a tais medidas, trata de afugentar muitos empresários e levando-se ainda para um contexto global em que países tem condições e realidades totalmente diferentes torna-se ainda mais complexo a aplicação de alguns parâmetros, o que sinaliza também a importância da existência de incentivos fiscais ou medidas que fomentem ainda mais a realização dessas questões relacionadas a sustentabilidade no âmbito empresarial, principalmente em relação a empresas de menor porte, de forma a aliar crescimento econômico a sustentabilidade.

Considerando que o empreendedorismo sustentável estaria inclinado a obter ganhos não econômicos para a sociedade, para que uma start-up empreendedora fosse sustentável, teria de estar imersa na procura da sustentabilidade econômica, tentando ao mesmo tempo manter um equilíbrio saudável com as esferas sociais e ambientais (Karani e Mshenga, 2021, p. 224, tradução nossa).

Além dos impactos hodiernos causados tem-se ainda os maus costumes de anos atrás, olhando para o presente e nunca para o futuro, talvez pela dificuldade de olhar para o passado, o modelo é visto como uma espécie de filantropia muitas das vezes e não como algo necessário o que também torna a sua aplicação mais difícil em algumas empresas ou que isso se torne normalidade.

Porém a não adoção a essas estratégias, que possuem seus benefícios, acaba prejudicando futuramente também em relação a inclusão dessas empresas no próprio mercado, já que não se acompanha a evolução apresentada pelos *Stakeholders*, torna-se necessário, contudo, a substituição do termo “gasto” por “investimento”. Segundo Paul Polman, “O preço de não fazer nada é maior do que o custo de agir”¹

Portanto, sendo o *Greenwashing* uma forma de adaptação capitalista as dinâmicas do mercado de hoje, é de suma importância que haja uma maior atenção a essas duas estratégias e que de fato essa questão não se transforme em uma “terra sem lei”, pois é de grande importância salientar que a insistência nessa prática também reside na falta de uma regulamentação mais rígida e que de fato zele pela boa aplicação desses princípios e objetivos, não devendo dispor de meios que acabem, mesmo que não propositalmente, criando caminhos para a realização desse paradoxo ambiental.

Sem meias palavras, o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência (Bauman, 2010, p.8).

Ademais, como forma de não fornecer alimento a essa prática vêm à tona outra estratégia bastante importante, estando situada mais fortemente na esfera econômica porém que também dialoga com a visão integrada desenvolvida durante todo esse trajeto, sendo uma forma de mudança no modo que se enxerga essas relações, tratando-se da Economia Cíclica que será exposta a seguir.

4.2 Economia Circular e as contribuições para a mudança de um paradigma econômico

A economia circular é um fator muito importante também no combate a própria lavagem verde e para uma mudança no paradigma econômico hodierno que a acompanha, sendo relacionado a forma de administração do meio natural que não sofre modificações desde a primeira revolução industrial. Enquanto a pseudo sustentabilidade, que pode ser entendida como uma perpetuação de impactos que sempre existiram, contribui com a degradação cada vez maior, essa outra forma de se desprender da economia linear busca os menores impactos

¹Informação verbal, obtida por meio de entrevista concedida por Paul Polman, ex-CEO da Unilever, para a edição de abril de 2021 da revista Época Negócios

sem prejudicar o crescimento econômico, contribuindo para o mesmo, freando a extração dos recursos naturais que são finitos e diminuindo a geração de resíduos.

O aumento gradual da consciência sobre os limites da economia linear que em breve seriam atingidos determinou o interesse pela concepção de um novo modelo de organização econômica que fornecesse os bens e serviços necessários para manter e melhorar os padrões de vida de um número cada vez maior de pessoas, sem nunca aumentar o consumo de matérias-primas e a quantidade de resíduos lançados no meio ambiente (Bonciu, 2014, p.83, tradução nossa).

Além disso, a atual situação global acaba por praticamente forçar a adequação a esse modelo econômico, tendo em vista que os efeitos já começam a ser sentidos também em relação as atividades econômicas, conforme o que é mencionado por Kate Raworth (2017, p. 183, tradução nossa):

Muitos fabricantes que dependem de fornecedores mundiais - como produtores de algodão e cafeicultores, fabricantes de vinho e tecelões de seda - agora percebem que suas próprias cadeias de suprimentos de produtos são vulneráveis aos impactos do aumento das temperaturas globais e da diminuição dos lençóis freáticos, então reconhecem que não fazer nada não parece mais uma estratégia tão inteligente.

Essas mudanças fariam com que ao menos conseguíssemos nos adaptar de forma mais positiva a tudo o que foi construído negativamente ao longo dos séculos, permitindo com que a alta entropia característica do processo de industrialização e que conseqüentemente está enraizada na economia linear fosse reduzida em algum grau.

A maior importância desse método de uma economia cíclica é justamente o fato de se ter modificações na cadeia produtiva, o que acaba se diferenciando do *Greenwashing* de maneira notável, pois o fato de se reutilizar os produtos faz com que se tenha uma maior eficiência no uso desses recursos, fazendo com que a economia se transforme em um sistema fechado, mantendo-se os produtos dentro dessa cadeia, ou seja, tenta-se diminuir e modificar o modo de operação que faz parte da economia linear, que envolve a extração, produção, consumo e depois o descarte.

Esse fator acaba contribuindo de fato com a minimização dos impactos, justamente por conta de mudanças na forma que esse produto é confeccionado.

Figura 3 – Modelo de Economia Circular

O modelo de economia circular:
menos matérias-primas, menos resíduos, menos emissões



Fonte: Serviços de Estudos do Parlamento Europeu (EPRS), 2023

Seguindo com as modificações que podem ser realizadas pela Economia Circular e citando o lixo eletrônico como exemplo, aqui associando-se ao caso da Apple e suas relações com *Greenwashing*, a empresa anteriormente tinha bastante exclusividade no que se diz respeito aos seus carregadores, pois funcionavam somente nos celulares da mesma e passaram por conta de uma estratégia “sustentável” a serem vendidos separadamente.

Tais carregadores eram muitas das vezes descartados justamente pela falta de compatibilidade com outros aparelhos, a simples troca que um consumidor poderia fazer de um aparelho de marca X para marca Y geraria essa consequência, além dos padrões que sofriam mudanças muitas vezes entre os aparelhos da própria empresa.

Sabendo disso, a União Europeia em 2022 formulou uma lei que já está sendo colocada em prática neste ano de 2024, fazendo com que se criasse um padrão único de carregamento para os smartphones e outros dispositivos em geral, além dos produtos da própria Apple, sendo ele o USB tipo-C, diminuindo o lixo eletrônico por consequência e contribuindo com a reutilização existente na Economia Circular justamente por acabar com a exclusividade que estaria gerando uma espécie de fomento de consumo, gerando menos danos ambientais posteriores de fato.

Ademais, deve-se destacar também a rastreabilidade que foi construída e faz parte do conceito cíclico dessa estratégia, fazendo com que se garanta que esse material será de fato reutilizado, englobando todo o processo e não somente o final dele como o que ocorre no *Greenwashing* e é utilizado para tentar ludibriar os consumidores, de certa forma teria uma espécie de fiscalização durante todo esse processo.

Portanto, isso acaba naturalmente dispondo de maior transparência, pois muitas das vezes se fabrica um produto “ecológico”, mas dentro da cadeia produtiva não houve nenhuma prática que faça parte dos moldes da sustentabilidade. Todo o aparato que se dispõe a Economia Circular faz com que se possibilite que empresas consigam rastrear até mesmo os responsáveis pela coleta e quais as condições daquele trabalho feito e que pode ser utilizado também como uma forma de gerar empregos por meio dessa coleta de resíduos.

Prevê-se o aumento de postos de trabalho com a criação de novos fluxos logísticos e de serviços e mais investimentos em pesquisa e desenvolvimento de projetos para promover a inovação e aumentar a qualidade de produtos e serviços. Com as novas propostas de comportamento coletivo por parte do consumo, espera-se uma reflexão direta sobre a qualidade de vida por meio de melhorias sociais e ambientais que impactarão a saúde humana (Berardi e Dias, 2018, p. 37).

Nota-se, portanto, a importância desse modelo econômico que oferece também os próprios benefícios econômicos, não somente por diminuir custos de produção que se teriam normalmente na economia linear, mas também pelo número de empregos gerados como foi dito, o que culmina em uma maior injeção de dinheiro no próprio sistema econômico.

A economia cíclica também tem seu valor principalmente na questão de uma mitigação aos efeitos dos hábitos de consumo atuais, principalmente em relação aos prejuízos causados pelo consumismo que vêm desde a época fordista e que é alimentado pelo próprio mercado, não necessariamente por criar algo realmente inovador, mas que contribua com o preenchimento da insatisfação enraizada na sociedade consumista.

Segundo Bauman (2008, p. 31), “Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar e sendo destinado a lata de lixo.”.

Outros catalisadores a essas associações de consumo exacerbado e geração de resíduos são a obsolescência programada e natural que mantém um ciclo infinito de trocas e novas compras, contribuindo com a degradação natural hodierna que faz parte da economia linear e é perpetuada por meio do *Greenwashing*.

Por conseguinte, começa-se a se perceber que existem outras dificuldades para a realização ideal da economia cíclica, pois depende também da difusão dessas ideias entre as próprias empresas, o fomento ao uso de tecnologias que propicie a sua aplicação e novamente incentivos fiscais como forma de incentivar essa mudança, além de envolver a própria sociedade, que deve modificar seus hábitos, tanto relativos ao comportamento, adequando-se, quanto de consumo.

A conscientização e sensibilização da sociedade quanto à correta separação e destinação dos resíduos, representam outro desafio para a Economia Circular. O descarte incorreto inviabiliza a reutilização, recuperação ou ainda, a reciclagem do material. Além disso, o próprio descarte dos resíduos também é um grande problema, pois, ainda que exista uma legislação contemplando a responsabilidade compartilhada, não é o que acontece na prática (Vier et al., 2021, p. 37).

A própria questão dos impactos ambientais, especificamente em relação as externalidades negativas, também são um desafio considerável para a economia cíclica se desenvolver corretamente, tendo em vista que como foi demonstrado durante todo esse estudo, os impactos acabam sendo direcionados para o meio ambiente e principalmente para setores da sociedade, mesmo que indiretamente, portanto estes assumem de certa forma os custos pelos processos produtivos insustentáveis.

Tal argumento ratifica o pensamento de Berardi e Dias (2018, p.35), “A transição para o modelo regenerativo e restaurativo que garanta mais durabilidade e longevidade dos produtos confere a necessidade de internalizar esses custos, que, como dito, estão hoje dissociados da precificação da produção e do consumo.”.

Logo, percebe-se que a mudança de paradigma é uma tarefa árdua e por isso, por enquanto, o modelo apenas pode contribuir com a construção desse caminho, com resultados a serem vistos a longo prazo, dependendo de um esforço conjunto cada vez mais forte.

5. CONCLUSÃO

Em suma, por meio deste estudo nota-se que desde a revolução industrial os impactos sobre o meio ambiente vieram aumentando bastante com o passar do tempo, fazendo com que os prejuízos comesçassem a ser transferidos para esferas além desta, recaindo também sobre a própria sociedade, que é muito afetada justamente pela ganância que é intrínseca a economia capitalista e que nesse caso se pinta de verde e tenta se adequar a um cenário totalmente novo para sobreviver, mantendo os mesmos processos predatórios conhecidos.

A falsa sustentabilidade que a acompanha acaba contribuindo ainda mais com a manutenção dessas práticas prejudiciais, sempre gerando novos ciclos de consumo exacerbado que conseqüentemente geram novos ciclos de degradação e contribuindo com a destruição de um meio ambiente cada vez mais fragilizado, denotando que para que houvesse a manutenção do modus operandi do capitalismo foi necessário se utilizar do termo sustentabilidade e

transforma-lo em um produto a ser vendido, adentrando e de fato poluindo novos mercados com falsas promessas e “tornando-se” parte da economia linear.

A existência de estratégias como o modelo ESG e as ODS são muito importantes em relação ao que elas podem contribuir com uma nova visão de futuro que seja ainda mais afastado do *greenwashing* e seus impactos socioeconômicos, a atenção que era dada em grande parte somente ao âmbito econômico deve ser desfeita, centrando a atenção em outras questões igualmente importantes e que são abarcadas por esses 2 conceitos, envolvendo o desenvolvimento sustentável.

A Economia circular como uma outra estratégia e incluindo-se também as citadas anteriormente, são um passo importante de garantir a verdadeira sustentabilidade, que infelizmente é utilizada pelo *greenwashing* como propaganda enganosa para fomento de consumo por parte dos consumidores.

A importância da correta aplicação dessa sustentabilidade reside no fato de que engloba os 3 pilares (Social, Econômico e Natural) contribuindo de fato com a manutenção da interdependência que hoje em dia possui um caráter mais autodestrutivo e também desigual.

Portanto, levando-se em conta a atual situação ambiental e acima de tudo suas relações, caso não existam medidas que sejam ainda mais reguladoras, que visem algum grau de sustentabilidade e até mesmo que beneficiem a adoção dessas práticas, para que haja de fato um esforço conjunto e verossímil buscando essa minimização de impactos e sendo concomitantemente uma forma de se adequar positivamente a um cenário que veio sendo construído desde séculos atrás, a situação atual caminhará ainda mais rápido para um desfecho infeliz, que será mais dificilmente remediada ou até suportada por grande parte do corpo social, não somente o de hoje mas igualmente com o que virá no futuro.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [s.l.], n. 5, p. 49-60, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/22116/14480> . Acesso em: 16 abr. 2024
- Agenda 21**. *United Nations Digital Library*, 1993. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/170126> . Acesso em: 15 ago. 2024
- APOLINÁRIO, Valdênia. A Racionalização Taylorista da Produção e do Trabalho. **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**, [s.l.], v. 5, n. 2, p. 32-42, 2016. Disponível em: <https://ojs.ccsa.ufrn.br/index.php/rerut/issue/view/87/Vald%C3%AAnia%20Apolin%C3%A1rio> . Acesso em: 22 abr. 2024
- Aprenda a identificar fraudes na hora de comprar produtos orgânicos**. Notícia, Band, 2024. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/agro/noticias/como-identificar-alimentos-organicos-falsificados-16667371> . Acesso em: 2 mar. 2024
- ARMOND, Núbia Beray. **Dinâmica Climática, Excepcionalidades e Vulnerabilidade: contribuições para uma classificação geográfica do clima do estado do Rio de Janeiro..** 170 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/0e0bb306-d038-43af-b64f-3335a5450b25> . Acesso em: 13 abr. 2024
- BARROS, Inês Pena. Um novo conceito de “Empresa Sustentável”: Uma análise à problemática do *Greenwashing* no contexto europeu. **Debater a Europa**, [s.l.], n. 23, p. 67-90, jul./dez. 2020. Disponível em: https://impactumjournals.uc.pt/debaterueuropa/article/view/23_4 . Acesso em: 22 mai. 2024
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário: E outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorze Zahar Editor, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorze Zahar Editor, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da Pesquisa Bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set./dez. 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf . Acesso em: 19 ago. 2024

BOULDING, Kenneth. *The Economics of the Coming Spaceship Earth*. 1966. Disponível em: <http://www.ub.edu/prometheus21/articulos/obsprometheus/BOULDING.pdf> . Acesso em: 16 ago. 2024

BONCIU, Florin. *The European Economy: From a Linear to a Circular Economy*. **Romanian Journal of European Affairs**, v. 14, n. 4, p. 78-91 dez. 2014. Disponível em: https://papers.ssrn.com/so13/papers.cfm?abstract_id=2534405 . Acesso em: 24 mai. 2024

BRUNDTLAND, G. Harlem. *Report of the World Commission on Environment and Development*. *United Nations Digital Library*, 1987. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/139811?v=pdf> . Acesso em: 16 ago. 2024

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORREA, Victor Silva; MACHADO, Marcio Cardoso; CARLINI, Angélica. Diretrizes ESG e Indicadores Ethos: Uma abordagem sinérgica para práticas de negócios sustentáveis. In: ROMARO, Paulo; SANTOS, Augusto Felipe Ceramico dos; SERRALVO, Francisco Antonio (Org.). **ESG: Esperanças, Experiências e Realidades**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023. p. 129-146. Disponível em: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/graduacao/cursos/administracao/digital-ESG-Expectativas-Experiencias-e-Realidades.pdf> . Acesso em: 24 mai. 2024

De onde surgiu o ESG?. Notícia, Exame, 2021. Disponível em: <https://exame.com/esg/de-onde-surgiu-o-esg/> . Acesso em: 22 abr. 2024

DIAS, Joana Maia; BERARDI, Patricia. O mercado da Economia Circular. São Paulo: **FGV EAESP**, v. 17, n.5, set./out. 2018, p. 34-37. Edição Especial Redes Sociais. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/download/77340/74189> . Acesso em: 25 mai. 2024

DIAS, Rafaela Ferreira. **Racismo ambiental frente a era das mudanças climáticas: uma análise da percepção social no Brasil**. 43 f. Monografia (Graduação em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/36693/1/2023_RafaelaFerreiraDias_tcc.pdf . Acesso em: 12 abr. 2024

“DieselGate”: veja como escândalo da Volkswagen começou e as consequências. Notícia, G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/carros/noticia/2015/09/escandalo-da-volkswagen-veja-o-passo-passo-do-caso.html> . Acesso em: 29 fev. 2024

Economia Circular: definição, importância e benefícios. Parlamento Europeu, 2023. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20151201STO05603/economia-circular-definicao-importancia-e-beneficios#:~:text=A%20economia%20circular%20%C3%A9%20um%20modelo%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o,red%C3%A7%C3%A3o%20do%20desperd%C3%ADcio%20ou%20dos%20res%C3%ADduos%20ao%20m%C3%ADnimo>. Acesso em: 25 mai. 2024

Empresa de Pesquisa Energética (EPE). **Balço Energético Nacional 2022**. Rio de Janeiro: Empresa de Pesquisa Energética, 2021. 292 p. Disponível em:

<https://www.epe.gov.br/pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/Balanco-Energetico-Nacional-2022> . Acesso em: 1 jun. 2024

Explore the metrics. *World Economic Forum*, [2019?]. Disponível em: <https://www.weforum.org/stakeholdercapitalism/our-metrics/> . Acesso em: 14 ago. 2024

Estados Unidos. *Federal Register*. ***Federal Actions To Address Environmental Justice in Minority Populations and Low-Income Populations.*** [Washington DC]: Federal Register, 1994. Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/1994/02/16/94-3685/federal-actions-to-address-environmental-justice-in-minority-populations-and-low-income-populations> . Acesso em: 17 ago.2024

FERRARESI, Priscila. Racismo ambiental e justiça social. **Boletim Científico Escola Superior do Ministério Público da União**, [s.l.], n. 37, p. 263–289, 2012. Disponível em: <https://escola.mpu.mp.br/publicacoescientificas/index.php/boletim/article/view/367> . Acesso em: 18 ago. 2024

FIALHO, Letícia Sousa; MARQUESAN, Fábio Freitas Schiling. O comportamento de Consumidores Diante da Prática do Greenwashing. **Revista Desenvolvimento em Questão**, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 45, p. 400-416, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/6555/5927> . Acesso em: 4 mar. 2024

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

Global Financial Stability Report— COVID-19, Crypto, and Climate: Navigating Challenging Transitions. Washington DC: *International Monetary Fund*, out. 2021. Disponível em: <https://www.elibrary.imf.org/display/book/9781513595603/9781513595603.xml> . Acesso em: 27 mai. 2024

GOES, Helder Leonardo de Souza; REBOUÇAS, Gabriela Maia. Responsabilidade Empresarial e Greenwashing: Implicações éticas e jurídicas. **Revista de Direito e sustentabilidade**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistards/article/view/2005/pdf> . Acesso em: 3 mar. 2024

GOMIERO, Paulo Henrique. Os fatores ASG e a prevenção ao Greenwashing – A necessidade de regramento estatal quanto aos deveres e responsabilidades dos administradores de empresas. **Revista de Direito Bancário e do mercado de capitais**, v. 93, [s.l., s.n.], p. 91-111, jul./set. 2021. Disponível em: <https://www.thomsonreuters.com.br/content/dam/ewp-m/documents/brazil/pt/pdf/other/paulo-henrique-gomiero.pdf> . Acesso em: 16 mar. 2024

GONÇALVES, Taynara Martins; Barroso, Ana Flávia da Fonseca. A economia circular como alternativa à economia linear. *In*: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DE SERGIPE, 11., 2019, Sergipe. p. 265-272. **Anais eletrônicos** [...]. Sergipe, 2019. Disponível em: <https://simprod.ufs.br/pagina/21975> . Acesso em: 16 mar. 2024

HARVEY, David. O Problema da Globalização. **Revista Novos Rumos**, [s.l.], n. 27, p. 8-16 1998. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/1954> . Acesso em: 10 mar. 2024

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-20, jan/abr. 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7193254/mod_folder/content/0/O%20CLAMOR%20POR%20JUSTIC%CC%A7A%20AMBIENTAL%20E%20CONTRA%20O%20RACISMO%20AMBIENTAL%20.pdf . Acesso em: 2 jun. 2024

HOBSBAWM, Eric John. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IANNI, Octavio. Globalização e Neoliberalismo. **São Paulo em Perspectiva**, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 27-32, 1998. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n02/v12n02_03.pdf . Acesso em: 3 mar. 2024

Indicadores utilizados para medir ESG. Sebrae, 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/indicadores-utilizados-para-medir-esg,f5fb236500eb7810VgnVCM1000001b00320aRCRD> . Acesso em: 2 abr. 2024

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; STOCKER, Fabrício. ESG: Novo conceito para velhos problemas. **Caderno FGV EBAPE**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1-4, Jul./Ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/YKyfRmPDHhtGm3LG8jW6DQM/> . Acesso em: 17 abr. 2024

JOSELOW, Maxine. **Utility climate pledges amount to “greenwashing” report says**. Notícia, The Washington Post, 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2022/10/04/utility-climate-pledges-amount-greenwashing-report-says/> . Acesso em: 19 jun. 2024

LEITÃO, Alexandra. Economia circular: uma nova filosofia de gestão para o século XXI. **Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting**. [s.l.], v. 1, n. 2, p. 149-171, set. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/21110> . Acesso em: 21 jun. 2024

LIMA, Elaine Carvalho de.; NETO, Calisto Rocha de Oliveira. Revolução Industrial: considerações sobre o pioneirismo industrial inglês. **Revista Espaço Acadêmico**, [s.l.], v. 17, n. 194, p. 102-113, jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32912> . Acesso em: 28 mar. 2024

LOPES, Valéria Neder; PACAGNAN, Mário Nei. Marketing verde e práticas socioambientais nas indústrias do Paraná. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 116-128, jan./fev./mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rausp/a/FDzWPRWZCPxgvvQN6yGLdnC/#> . Acesso em: 27 abr. 2024

MANO, Cristiane. **“O preço de não fazer nada é maior do que o custo de agir”, afirma Paul Polman**. Notícia, Época Negócios, 2021. Disponível em:

<https://umsoplaneta.globo.com/financas/negocios/noticia/2021/04/05/o-preco-de-nao-fazer-nada-e-maior-do-que-o-custo-de-agir.ghtml> . Acesso em: 12 jun. 2024

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MCDONOUGH, William; BRAUNGART, Michael. **Cradle to Cradle: Remaking the Way we Make Things**. Nova Iorque: North Point Press, 2002.

MELO, Lúcia Silva Albuquerque de. **Sustentabilidade das Empresas com Potencial Poluidor: uma análise dos capitais não financeiros (Integrated Reporting), ODS e ESG**. 256 f.. Tese (Engenharia e Gestão de Recursos Naturais) – Programa de pós-graduação em Engenharia e Gestão de Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/31892> . Acesso em: 19 mar. 2024

MSHENGGA, Patience; KARANI, Charles. Steering the Sustainability of entrepreneurial starts-ups. **Journal of Global Entrepreneurship Research**, v.11, [s.l., s.n.], p. 223-239, mai. 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40497-021-00279-w> . Acesso em: 5 jun. 2024

MUNARETTO, Lorimar Francisco; LUIZ CORRÊA, Hamilton; ARAUJO CARNEIRO DA CUNHA, Júlio. Um estudo sobre as características do método Delphi e de grupo focal, como técnicas na obtenção de dados em pesquisas exploratórias. **Revista de Administração da Universidade de Santa Maria**, Santa Maria, v. 6, n.1, p. 9-24, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/download/6243/pdf> . Acesso em: 17 ago. 2024

NOYES, Lydia. **A Guide to Greenwashing and How to Spot it**. Notícia, EcoWatch, 2021. Disponível em: <https://www.ecowatch.com/greenwashing-guide-2655331542.html> . Acesso em: 16 mar. 2024

O USB-C será o carregador comum da UE até o final de 2024. Parlamento Europeu, 2022. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20220413STO27211/usb-c-sera-o-carregador-comum-da-ue-ate-ao-final-de-2024> . Acesso em: 12 mar. 2024

OLIVEIRA, Aécio Alves de. **Por que as sociedades modernas são incompatíveis a vida?: Economia Ecológica e Pandemia**. Rio de Janeiro, [s.l., s.n.], 2022.

OLIVEIRA, Ellen Synthia Fernandes de.; BARROS, Nelson Filice de.; SOUZA, Dayse Cristine Dantas Brito Neri de. **Metodologias Qualitativas em Diferentes Cenários: Saúde e Educação**. Goiânia: Gráfico UFG, 2018. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/metodologias_qualitativas_-_ebook.pdf . Acesso em: 19 jun. 2024

PAGOTTO, Érico Luciano. **Greenwashing: os conflitos éticos da propaganda ambiental**. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Mudanças Sociais e Participação Política da Escola de Artes, Ciência e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-22072013-141652/pt-br.php> . Acesso em: 23 mar. 2024

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RANGEL, Tauã Lima Verdan. Racismo Ambiental às Comunidades Quilombolas. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 4, n. 2, p. 129-141, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/393> . Acesso em: 18 ago. 2024

RAWORTH, Kate. **Doughnut Economics: Seven Ways to Think Like a 21st Century Economist**. Hartford: Chelsea Green Publishing, 2017.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 35, p. 65-79, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/26678> . Acesso em: 14 mar. 2024

RIBEIRO, Sofia. A semiótica no greenwashing: Uma breve reflexão. **Journal on Semiotics and Culture**, [s.l.], n.11, p. 101-106, 2022. Disponível em: <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/eikon/article/view/1218/> . Acesso em: 3 mar. 2024

ROMA, Júlio César. Os objetivos de desenvolvimento do milênio e sua transição para os objetivos de desenvolvimento sustentável. **Ciência e Cultura**, [s.l.], v. 71, n. 1, p.33-39, jan./mar. 2019. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v71n1/v71n1a11.pdf> . Acesso em: 18 mar. 2024

ROMERO, Raiza Victória Fontes Silvestre. **A Aderência do Mercado Financeiro às ODS através de práticas ESG: Um Estudo de caso do Santander Private Banking**. 25 f. Artigo (Graduação em Relações Internacionais) – Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33457/1/Ader%c3%aanciaMercadoFinanceiro.pdf> . Acesso em: 19 mai. 2024

Rumo à Economia Circular: o racional de negócio para acelerar a transição. Ellen MacArthur Foundation (EMF), 2015. Disponível em: https://archive.ellenmacarthurfoundation.org/assets/downloads/Rumo-%C3%A0-economia-circular_SumarioExecutivo.pdf . Acesso em: 13 jun. 2024

SILVA, Jefferson José Oliveira et al. Desafios ao estudo da contaminação humana e ambiental por agrotóxicos. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, [s.l., s.n.], p. 27-37, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/W4fzQTqCFyLhXF7V5rPy96S/> . Acesso em: 25 mar. 2024

SILVA, Joyce Souza; FILHO, Amilson Albuquerque Limeira; MARTINS, Maria de Fátima. Avaliação da Governança na implementação dos ODS: Levantamento bibliográfico das contribuições teóricas ao tema (2015-2021). **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n. 3, p. 1-10, mar. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/26932/23572/315487> . Acesso em: 19 jun. 2024

ONU Brasil. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> . Acesso em: 23 mai. 2024

ONU Brasil. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel> . Acesso em: 26 abr. 2024

SOUZA, José Fernando Vidal de. Uma abordagem crítica sobre o Greenwashing na atualidade. **Revista de Direito Ambiental e Socioambientalismo**, Maranhão, v. 3, n. 2, p. 148-172, Jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/Socioambientalismo/article/view/3765/pdf> . Acesso em: 12 mar. 2024

STEVANATO, Ana Marcilia dos Santos. **A contribuição da Economia Criativa no Processo de Implementação do ESG nas Empresas: Um Modelo Sugestivo ESG**. 122 f. Dissertação (Inovação em Comunicação e Economia Criativa) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/3247> . Acesso em: 30 abr. 2024

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. Além dos Humanos: Reflexões Sobre o Processo de Incorporação dos Direitos Ambientais como Direitos Humanos nas Conferências das Nações Unidas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 40, p.283-309, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n5NnDMSRs3kQCS7ZTsyvtvgj/> . Acesso em: 17. Ago. 2024

TRAUMANN, Andrew Patrick; MENDES, Fernanda Celli Correa. A partilha da África e o Holocausto que o mundo não reconheceu. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, [s.l.], v.1, n. 20, p. 253-274, 2015. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/RIMA/article/view/22178> . Acesso em: 18 ago. 2024

VIER, Margarete Blume et al. Reflexões sobre a Economia Circular. **Colóquio – Revista de Desenvolvimento Regional**, Taquara, v. 18, n. 4, p. 27-47, out./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/2206> . Acesso em: 19 jul. 2024